

30 ANOS
DE ESTÓRIAS EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
NA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL

OS DOCENTES

30 ANOS
DE ESTÓRIAS EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

30 Anos de Estórias em Comunicação Social



Coordenação Editorial

Ricardo Nunes

Chefia de Redação

Jéssica Dias

Rui Morais

Entrevistas

Ana Morais Bruno Marques Camila Esperto Cátia Duarte Daniel Ferreira Daniel Lemos Diana Baptista
Diogo Pais Duarte Pereira Guilherme Cabral Hugo Bastos Iara Silva Jéssica Batista Jéssica Dias
Joana Gomes Joana Mendes Leonardo Alexandre Maria Leonor Bártole Mariana Duarte Mariana Simões
Marta Soares Patrícia Teixeira Patrícia Vasconcelos Pedro Ventura Rui Morais

Revisão

Daniel Ferreira Diogo Pais Guilherme Cabral
Iara Silva Jéssica Dias Joana Mendes
Patrícia Silva Patrícia Vasconcelos Rui Morais

Design

Cátia Duarte
Pedro Ventura

Website

Hugo Bastos

Fotografias

Equipa Editorial | Arquivo Pessoal | Rui Minderico

Secretariado

Cátia Duarte
Patrícia Vasconcelos

Impressão

Tipografia Rápida de Setúbal

ISBN

978-989-35618-1-2

Setúbal, 2024

30 ANOS
DE ESTÓRIAS EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

OS DOCENTES

Sumário

Agradecimentos	7
Testemunhos	
Professora Doutora Ângela Lemos, Presidente do IPS	8-9
Professor Doutor João Pires, Diretor da ESE	10-12
Entrevistas	
Professora Doutora Regina Marques	18-22
Professora Doutora Ana Maria Pessoa	24-28
Professor Doutor Leonídio Ferreira	30-32
Professor Doutor Ricardo Nunes	34-38
Professora Doutora Marta Pinho Alves	40-44
Professora Doutora Alcina Dourado	46-50
Professora Doutora Lidia Marôpo	52-56
Cronologia	68-59
Mural de Curso	60-63

Aos Coordenadores de Curso

Aos Diplomados

Cristina Patacas, Coordenadora do DCRE, Divisão de Comunicação e Relações Exteriores

Divisão Académica do IPS

Professor Pedro Felício, Sub-director da ESE

Susana Rodrigues, Secretária de Direção da ESE

Susana Marques, Assistente Técnica de Bibliotecas, Arquivo e Documentação da ESE

PRESIDENTE DO IPS



ÂNGELA LEMOS

A FORMAR PROFISSIONAIS ETICAMENTE COMPROMETIDOS COM UMA COMUNICAÇÃO CRÍTICA E CRIATIVA

Em 1994, a Escola Superior de Educação (ESE/IPS) começou a escrever um novo capítulo na sua história e abriu o curso de Licenciatura em Comunicação Social, com o objetivo de formar profissionais capacitados para atuar nos diversos campos da comunicação. Desde a sua génese e respeitando a cultura de formação desta escola, esta licenciatura tem-se destacado pela qualidade do ensino, pelo compromisso com a formação de profissionais eticamente comprometidos com uma comunicação crítica e criativa, capazes de enfrentar os atuais desafios do mercado de trabalho e de contribuir para uma sociedade cada vez mais informada. Tal como em muitas outras áreas, o setor da comunicação está em constante evolução e a licenciatura em Comunicação Social necessita ajustar-se continuamente às mudanças tecnológicas e sociais verdadeiramente admiráveis no campo da comunicação. Mas importa não esquecer que ainda existem muitas áreas por explorar neste mundo que é global e que necessita de profissionais competentes, multifacetados, exigentes e rigorosos. Ao longo do meu percurso no IPS, inicialmente como

**“A licenciatura tem de continuar a afirmar-se como fonte de
inspiração para estudantes”**

docente da ESE/IPS e atualmente como presidente do IPS, tenho tido a oportunidade de testemunhar o impacto da licenciatura em Comunicação Social na construção do conhecimento em diferentes áreas da comunicação. O caminho percorrido é revelador do compromisso da ESE/IPS em formar profissionais qualificados e preparados para os desafios contemporâneos da comunicação. A licenciatura tem de continuar a afirmar-se como fonte de inspiração para estudantes, profissionais e para a comunidade em geral. Neste aniversário, celebramos três décadas de formação académica no caminho pela excelência da licenciatura em Comunicação Social da ESE/IPS, evidenciando a significativa contribuição no cenário da comunicação em Portugal e além-fronteiras. Parabéns ao Curso de Comunicação Social da ESE/IPS. Que este marco assinala não apenas o caminho percorrido, mas permita construir muitos mais anos de sucesso. Parabéns a todos os envolvidos e que continuem a inspirar as futuras gerações!

Professora Doutora Ângela Lemos, Presidente do IPS

DIRETOR DA ESE



JOÃO PIRES

30 ANOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - “VALE A PENA ESTAR AQUI”

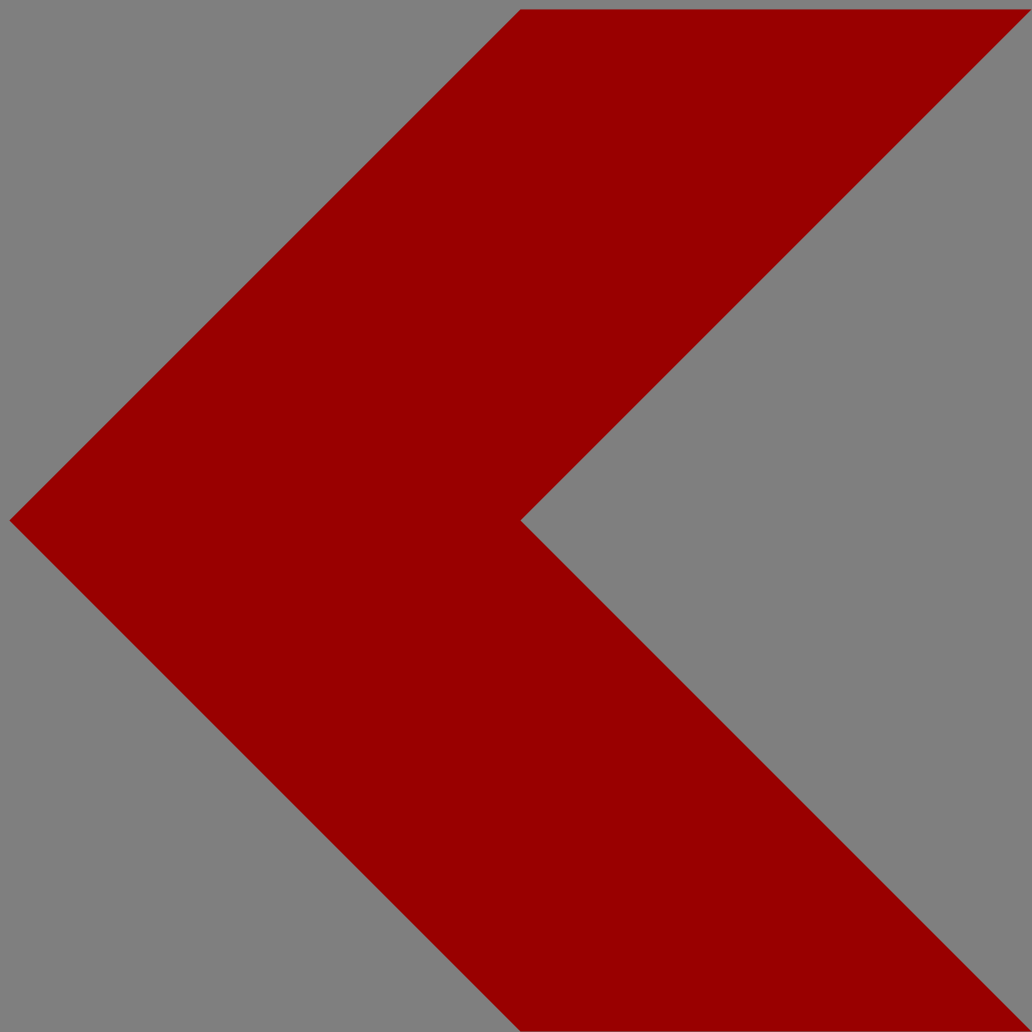
37 anos após o nascimento da ESE/IPS, comemorámos o nascimento da sua primeira formação fora do âmbito da formação de professores, a licenciatura em Comunicação Social, implementada em 1993. Uma oferta formativa que surge parcialmente devido à falta de procura dos cursos profissionalizantes em educação, mas também pelas necessidades da região e pelas expectativas de formação superior da comunidade estudantil de Setúbal. Saliento o contexto da criação da ESE/IPS, última das ESE's a ser pensada, uma vez que não estava prevista no plano de desenvolvimento nacional, mas necessária atendendo ao facto de setúbal ser a única região que não possuía nenhuma escola de formação de educadores e professores. Era, na altura pelas palavras de Ana Maria Bettencourt e Maria Emília Brederode Santos, “qualquer coisa de novo, numa zona que tem sido, por várias razões (geográficas, políticas...), abandonada pelos poderes políticos.” Este espírito de novidade influenciou a criação das

“Os novos modelos de formação foram desde início uma aposta da ESE/IPS”

ofertas formativas, procurando dar respostas às necessidades da região com o desenvolvimento de planos curriculares inovadores, promovendo a aquisição de competências para o exercício qualificado da profissão. Os novos modelos de formação foram desde início uma aposta da ESE/IPS, não sendo de descuidar o modelo pedagógico implementado na nossa escola e em vigor até hoje, assente na partilha de experiências, centrado nos estudantes, na promoção de contextos culturais e educativos facilitadores da aprendizagem, com uma constante preocupação na promoção da educação para a cidadania, participada e democrática, bem como na educação para os media. Ao longo da sua existência, o curso de Comunicação Social tem sido uma constante na oferta e procura formativa da nossa escola, com o propósito de capacitar os nossos estudantes para o exercício profissional nas áreas do jornalismo e da comunicação estratégica. Da sua génese até à atualidade, foram vários os desenhos curriculares adotados, acompanhando as evoluções na profissão e nos meios de comunicação. Longe vão os tempos em que a comunicação dependia quase exclusivamente dos meios de comunicação tradicionais, como o jornal impresso ou a rádio, para a transmissão de uma mensagem. Novos formatos surgiram, obrigando a repensar estratégias, recursos e conteúdos de comunicação e informação. Assim, 30 anos depois do

primeiro curso de Comunicação Social, continuamos perante os mesmos desafios que enfrentámos inicialmente, na resposta a soluções para a região e para as aspirações de todos os jovens que nos procuram. Compete-nos assegurar que os nossos estudantes continuam a adquirir as competências comunicacionais e culturais essenciais para o desempenho da sua profissão, cumprindo a nossa missão e continuando a escrever a nossa história enquanto “casa de formação”. Trabalhamos diariamente na ESE/IPS para que continue a existir “qualquer coisa de novo” na região, reforçando a nossa identidade enquanto instituição formadora inovadora e criativa, na resposta aos novos desafios. Os meus parabéns a todas/os as/os diplomados, professores e estudantes de Comunicação Social, por terem feito e fazerem parte da nossa instituição, da nossa memória, da nossa identidade. Cá estaremos sempre de portas abertas, no espaço que é vosso, porque “vale a pena estar aqui”.

Professor Doutor João Pires, Diretor da ESE



UM CURSO

TODOS OS DOCENTES



1993-2000



REGINA MARQUES

DA PSICOLOGIA À COMUNICAÇÃO

“ESTOU MUITO CONTENTE EM VER O CURSO DE PÉ”

Como foi o seu percurso até chegar ao IPS?

O meu percurso de vida é um percurso longo. Vivi 7 anos na Bélgica, em Bruxelas, e fiz lá a licenciatura em Psicologia, na Universidade Livre de Bruxelas. Depois, vim para Portugal e trabalhei 10 anos em psicologia clínica, no Centro de Saúde Mental de Setúbal. Quando a ESE abriu, concorri e, naturalmente que a minha ideia era vir ensinar psicologia, e se calhar, foi por isso que fui escolhida. Entretanto, a vida vai evoluindo e eu comecei a interessar-me bastante mais pelas questões da comunicação, que também têm uma base psicológica, mas na verdade, trata também as questões da linguagem e, nessa altura, não havia muitas possibilidades de fazer mestrados, mas abriu um mestrado nas Ciências da Comunicação na Universidade Nova de Lisboa e inscrevi-me. Após o mestrado, liguei muito à retórica, à argumentação e como é que estas coisas se faziam na Comunicação Social em geral, com particularidade para os jornais e para a televisão e, a importância da linguagem corporal e oral nos media, acabando por fazer um doutoramento nessa área.

Como surgiu a criação do curso de Comunicação Social?

Nessa altura, a ESE estava numa fase de discussão e de transição para novas saídas: O que é que vamos fazer? O que é que não vamos fazer? E eu sugeri que se abrisse um curso de Comunicação Social porque senti que era uma área aliciante para muitos estudantes e havia na região lacunas de formação nessa área. Sabia-se um pouco de teorias da comunicação, as teorias da linguagem, da linguagem global mas na prática nas rádios e nos jornais locais ou nas empresas como é que estas coisas se fazem com sentido, não apenas intuitivo? Sentíamos muita necessidade de não ter apenas cursos superiores, mas também cursos que virassem um bocado para as questões profissionais. O IPS garantia, de certa maneira, uma vertente mais virada para o conhecimento da realidade do distrito e era essa a preocupação. Houve um trabalho grande de equipa, de vermos como é que podíamos construir este curso para submetê-lo ao Ministério e ser aprovado. Ficou, assim o 1º curso aberto a medo, a ver como iria ser, e a verdade é que tivemos logo no primeiro ano as candidaturas para todas as vagas abertas. Na altura, era só o bacharelato, pouco a pouco, construámos uma licenciatura bietápica que era então o que era possível, de acordo com a legislação em vigor. Nós fizemos aqui uma licenciatura, que a mim me deu muito prazer, que tinha uma componente prática desde o 1º ano: escrever em jornais, ir conhecer o meio. Conhecer a realidade e também conhecer o meio no sentido dos meios de comunicação existentes na região. O que é que se comunica em mundo fora? O que é que se faz na região? Porque é isto que faz parte de um curso para abrir horizontes e, hoje posso dizer que, temos alunos que foram do 1º curso e estão hoje em câmaras municipais, ligados à cultura, à comunicação social tradicional, aos jornais, à produção de vídeos. Eu tenho muito orgulho nisso porque as vejo muito contentes porque fizeram o seu caminho depois na licenciatura, sobretudo quando estão bem colocados e que as coisas correram bem.

Ser coordenadora do curso sempre fez parte dos seus planos?

Foi um processo natural, uma vez que fui eu que o propus, fui eu que fiz a proposta de currículo e fui eu que fiz a proposta de contactos com professores exteriores que vieram cá dar aulas. É claro que foi tudo bastante discutido, mas o coordenador foi quem esteve mais próximo da criação.

Em termos práticos, o que é que um coordenador de curso faz?

O coordenador de curso preocupava-se na aplicação do currículo, com o conversar com os diferentes professores para ver como é que as coisas estavam e ouvir os estudantes de forma a perceber como é que o curso estava a ser recebido pelos estudantes. O 1º ano foi um ano difícil porque as pessoas vinham todas com muitas expectativas, que depois nós, às vezes, não conseguíamos dar resposta. Num 2º ano, estávamos a experimentar as coisas, ver como é que funcionava melhor e o que é que funcionava menos bem. A verdade é que o curso está de pé e isso é uma coisa que eu acho que é importante.

Tem algum momento que a marcou enquanto coordenadora do curso?

Houve momentos difíceis. O que me marcava era sempre quando chegava ao fim do ano, por exemplo, os estágios e os projetos (projeto que visava que a pessoa construísse qualquer coisa que pudesse ser realizado) era uma coisa sempre terrível.

“Sugeri que se abrisse um curso de Comunicação Social porque senti que era uma área aliciante para muitos estudantes e havia na região lacunas de formação”

Qual foi a componente mais desafiante de ser coordenadora do curso?

A componente mais desafiante foi encontrar formas de tornar este currículo, um currículo que pudesse responder às necessidades, quer dos estudantes, quer do plano de fundo que nos rodeava.

Qual foi a satisfação que tirou enquanto coordenadora do curso?

A sensação agradável e que tenho sentido todos os anos, é que vejo que o curso a funcionar. Fico mesmo satisfeita de ver que as coisas progrediram, que estão assentes e que há quem as continue.

Qual é o perfil de um licenciado em Comunicação Social pela ESE?

É um perfil de um comunicólogo polivalente, que adquire uma estrutura global do que é a comunicação aplicada a diferentes suportes.

Como é que vê o futuro dos estudantes de Comunicação Social?

Eu tenho assistido a várias coisas nomeadamente a pessoas que tendem a organizar-se para poderem influenciar determinados grupos e entidades, ou seja, aqui dentro da ESE, se calhar ter uma associação de estudantes capaz de influenciar o curso ou um conselho pedagógico capaz de refletir sobre propostas concretas vindas desses grupos ou círculos de interesse. E, sem esta participação mais coletiva, não se consegue alterar muita coisa. E não conseguem influenciar as entidades responsáveis se não tiverem essa participação, porque podem também ter boas ideias, mas se não forem suportados pelos estudantes, as coisas não funcionam. Acho mesmo fundamental essa questão da participação em torno daquilo que são as vossas preocupações. Não digo para não fazerem a festa, também faz falta, mas sim fazerem uma reflexão, que depende dos próprios estudantes e claro dos docentes. Eu acho que é fundamental dizerem que existem, que estão cá, que têm coisas para dizer ou para fazer, não sejam todos tão bonzinhos, apresentem-se aos outros, mostrem o que sabem e o que são.

“Agora já passou o meu tempo e eu acredito que as coisas continuam e continuam bem”

Atualmente, acha que o curso em Comunicação Social é valorizado na sociedade?

Acho que sim.

O curso de Comunicação Social no IPS vai fazer 30 anos. Como é que se sente em fazer parte deste percurso?

Velhinha [risos]. Acho que fiz parte desse percurso, mas tudo na vida tem um tempo. Agora já passou o meu tempo e eu acredito que as coisas continuam e continuam bem. Estou muito contente em ver o curso de pé e com uma perspetiva de que tudo se faz para continuar, mas se entendermos que continuar não é seguidismo. Continuar, é fazer de acordo com o momento de acordo com a história, de acordo com as pessoas que estão envolvidas. Continuar, não tem de ser exatamente seguir os primeiros passos de há 30 anos. Já houve muitas evoluções e está com muito mais qualidade e com muito mais reconhecimento.

Ensinar Comunicação Social na ESE tem uma marca específica para si?

Tem a característica de ser polivalente e de ser um ensino superior ligado à vida. O IPS tem a vertente de se afirmar conhecedor daquilo que é a realidade local e a realidade local tem a ver com culturas locais. Tem de estar inserido na vida local.

Quais eram as suas expectativas antes de vir para o IPS? Corresponderam à realidade?

Eu tinha as minhas expectativas quando entrei e eram mais viradas para a formação de professores e poder trabalhar mais as questões de psicologia. Mas não era entendido assim na altura, e se calhar, foi essa experiência que à partida, não foi muito positiva, que abriu caminho para outras coisas. Mas, agora, a expectativa é que vingue este curso que está vivo, está seguro e está implantado, como parece.

O que foi para si ser professora?

Ser professora é poder ensinar e para ensinar há que ter uma grande capacidade de estudar, de refletir e de adequar aos diferentes patamares. Ser professora no Ensino Superior é diferente do Ensino Básico, porque temos estudantes que vêm com uma certa bagagem, vêm com cadeiras muito desenvolvidas e já vêm com a capacidade de pensar autonomamente. O ensinar neste campo e nesta área exige muita tolerância, muito respeito pelo outro e a capacidade de se rejuvenescer e renovar. Ser professora é estar com os alunos naquilo que eles precisam: precisam de saber, de afeto, de carinho, de sorrisos e não precisam de ser bajulados, precisam de ser tidos como pessoas capazes de pensar. Ser professor é estar atento às diferenças e estar sempre capaz de ajudar a evoluir.

Qual seria a sua "segunda opção" se não tivesse seguido esta carreira?

A minha primeira opção foi fazer trabalho de Psicologia Clínica, a 2ª opção foi o Ensino Superior por razões de natureza profissional, que se prendia com a impossibilidade na época de evolução na carreira de Psicologia Clínica. Gostaria de ter tido mais oportunidades de fazer investigação e produção científica na área do discurso mediático. Mas aposentei-me na altura certa e continuo a fazer coisas que gosto e me mantêm atuante.

Jéssica Dias



2001-2002, 2006-2013



ANA MARIA PESSOA

UMA VIDA DEDICADA AO ENSINO "NÃO ME VEJO A FAZER OUTRA COISA"

Como foi o seu percurso até chegar ao IPS?

Eu desde sempre quis ser professora, a área é que foi variando. Primeiro queria ser professora de ciências, depois de história, depois queria ser professora de inglês e de alemão, acabei por ser professora de história. Acabei, também, por fazer o curso de bibliotecária. Concorri e entrei para professora do primeiro ciclo, mas depois desisti. Também entrei para enfermagem, portanto tive várias coisas na minha vida. Mas, na verdade, quis sempre ser professora. Eu trabalho há 45 anos como professora, portanto a partir de 1984-1986 fiz o estágio como professora do terceiro ciclo e secundário e passei a lecionar esses anos. Embora eu também tenha trabalhado no segundo ciclo quando ainda não tinha o estágio, ainda não era professora efetiva, porque dar aulas é uma coisa, ser professora é outra, portanto, eu só considero ser professora depois de ter o estágio.

Porque escolheu ser docente no IPS?

Estou aqui há 37 anos, a nossa escola vai fazer 40, neste momento, acho que sou a professora mais antiga do Politécnico, porque embora não seja da idade, há pessoas que vieram para cá mais velhas, mas depois de mim. Em julho de 1986, fiz um curso para professores encarregados de bibliotecas escolares. Naquele tempo não havia internet e, portanto, um grande recurso à época eram os centros de recursos que deveriam, em princípio, produzir recursos e materiais que permitissem que, pedagogicamente, as aulas fossem diferentes, ou seja, não houvesse só o manual escolar como recurso educativo. Ora bem, o que acontece é que eu encontrei nessa formação três formandas, duas delas que já estavam aqui em Setúbal, na Escola Superior de Educação em Setúbal, porque há pouco tempo tinham começado os Politécnicos. Essas pessoas disseram que ia haver um concurso para a ESE e um dos concursos era na área da formação de professores, mas ligado ao Centro de Recursos Educativos. Eu concorri. Não sabia o que era uma ESE nem um Politécnico, não tinha ouvido falar à época, e então concorri e fiquei! Na altura tive de fazer um projeto que ainda hoje tenho, um projeto feito à mão, que fiz num caderno daqueles de argolas, com 90 páginas, ainda hoje o guardo. Foi a minha candidatura, além do meu currículo, aqui à escola. Os Politécnicos eram todos dirigidos por convite e quando eu vim para aqui, eu já era efetiva numa escola secundária em Lisboa e que ficava a seis paragens de elétrico da minha casa eu resolvi vir para Setúbal, e tive de deixar o meu lugar de efetiva. Vim para aqui durante cinco anos, estive fora do quadro, porque não sabia sequer se a ESE ia continuar a existir ou não. Quem tinha o lugar certo, deixou o lugar, na incerteza, porque era o projeto que existia à época, um projeto que ainda hoje é conhecido, que se chama “Setúbal: Uma escola ao serviço da região”. Vim parar aqui completamente ao acaso, eu nem sequer sabia como era isto.

Ser coordenador de curso fazia parte dos seus planos enquanto docente?

Ser coordenadora de curso também foi por acaso. Quando a Professora Regina Marques saiu da coordenação pôe-se o problema de quem vai ficar a coordenar o curso. Eu era a Professora que estava há mais anos no curso, além disso, havia também o Professor Leonídio Ferreira que eu convidei para coordenar o curso comigo, quando disseram que eu era a nova coordenadora de curso, e ficamos os dois até 2003. Trabalhámos sempre em conjunto, foi uma coordenação sempre muito pensada. Em 2003 eu saí porque fui fazer o doutoramento e durante três anos eu não estive cá, são os únicos alunos que eu não conheço de Comunicação Social. Quando voltei em 2006, eu tinha de dar três anos à escola, e a partir daí voltei para a coordenação do curso. Depois coordenei com a Professora Marta Alves. Em relação à comunicação, eu sempre estive muito ligada às questões da comunicação. Sempre defendi que um profissional da comunicação tem de ter conhecimento em várias áreas. A minha área na Comunicação sempre foi esta, vários pontos de vista, várias perspetivas sobre vários temas. Hoje é impossível, não há órgãos de comunicação independentes, porque estão todos “debaixo” de grupos económicos. A comunicação também tem a ver com cidadania e é aí que eu ligo à área da história, em que sempre tentei trabalhar nessa área.

“Já dei aulas a filhos e netos de ex-alunos, é algo que me dá muito gosto”

Que desafios sentiu enquanto coordenadora de curso?

Enquanto coordenadora, quis que o curso fosse sempre cientificamente irrepreensível. Tentámos sempre contratar os melhores professores da área que existiam para aqui. Por outro lado, também a minha grande questão era acompanhar os estudantes do princípio ao fim, individualmente. Sempre tentar conhecer cada um deles, perceber o porquê de estarem aqui, aumentar a cultura geral e desenvolver competências de respeito pelos direitos humanos, pela cidadania, pela democracia, pelo pensamento pluralista e a intervenção.

Qual foi o momento que mais a marcou enquanto coordenadora de curso?

Ah, muitos! Enquanto coordenadora tenho imensos, sobretudo quando as pessoas desistiam do curso, quis saber sempre o porquê de terem desistido. Tive também pessoas de áreas políticas completamente diferentes daquela onde eu estou e da forma que foi possível trabalhar com todos, independentemente da área em que venha. Isso marcou-me muito, tentar perceber como é que eu conseguia trabalhar com as pessoas. O período

de antiga forma de curso para Bolonha em 2006-2007, foi impressionante porque foi um trabalho brutal de equivalências, de alterações, de modificações mesmo teóricas. Foi sempre um curso que me deu muito trabalho, estudei muito para tentar ultrapassar os desafios que tinha. Já dei aulas a filhos e netos de ex-alunos, é algo que me dá muito gosto. Estou aqui para trabalhar, ser exigente e criar profissionais e acho que ao mesmo tempo consigo contribuir para isso. A única coisa que eu levo daqui, e que recordo com muito gosto, é o pequeno contributo que eu posso ter tido para que essas pessoas sejam pessoas diferentes, e isso dá-me um gozo imenso. Foi com muita tristeza que deixei o curso de Comunicação Social, mas tive de o deixar por algumas questões. Era sempre com imensa saudade que eu pensava na comunicação.

Qual é a importância da Licenciatura em Comunicação Social na sociedade?

A Comunicação Social é fundamental. Para mim, a comunicação nunca foi tão importante como hoje e nunca ela manipulou tanto todas as pessoas em geral como o faz hoje. Mesmo em relação à perceção que nós temos dos governantes, porque políticos somos todos, governantes é que são alguns. A comunicação é perigosíssima, é uma arma perigosa, mais do que a bomba atómica porque, esta, nós temos ideia que não se vai utilizar, a comunicação utiliza-se todos os dias. O poder que a comunicação tem para nos trazer o que queremos, quando queremos, como queremos e para nos levar a fazer o que queremos, este é um grande problema.

“Para mim, a comunicação nunca foi tão importante como hoje e nunca ela manipulou tanto todas as pessoas em geral como o faz hoje”

Qual o perfil do licenciado em Comunicação pela ESE IPS?

Tem de ter um conhecimento democrático vasto, em várias áreas. É importante que a pessoa perceba onde está para depois, se quiser, especializar-se numa área. Perceber o outro e outras questões, o historial de tudo aquilo que vão fazendo e a intervenção cívica, é fundamental. É criar pessoas que saibam, pensem e intervenham.

Como vê o futuro dos cursos de Comunicação Social?

Dos estudantes que todos os anos me vão chegando, vejo indiferença, por exemplo, na possibilidade de intervenção em relação à comunicação social. Temos várias coisas na área da comunicação e além do lucro, eu não vejo qual o ponto de vista da cidadania, do tipo de sistema e de regime em que possamos estar, não sei que conhecimentos temos e, por isso, tudo tem haver com a falta de conhecimento histórico sobre as coisas num geral, que tem a ver com a comunicação. É preciso perceber onde estamos, se não esta “bomba atómica” pode fazer estragos.

30 anos de história de Comunicação Social no IPS, como se sente em fazer parte deste percurso?

A única coisa que eu ainda gosto é de estudar e de dar aulas. Eu faço o melhor que sei, todos os anos estudo imenso para que as disciplinas não sejam iguais às do ano anterior, eu nunca dou uma aula igual à do ano anterior, mesmo quando os materiais são iguais. Acho que tentei cumprir o meu dever. Falar com as pessoas, vê-las crescer em saber, em intervenção, em forma de pensar é isto que eu gosto de fazer. Tento todos os dias, ajudar a tornar os estudantes com quem trabalho pessoas melhores.

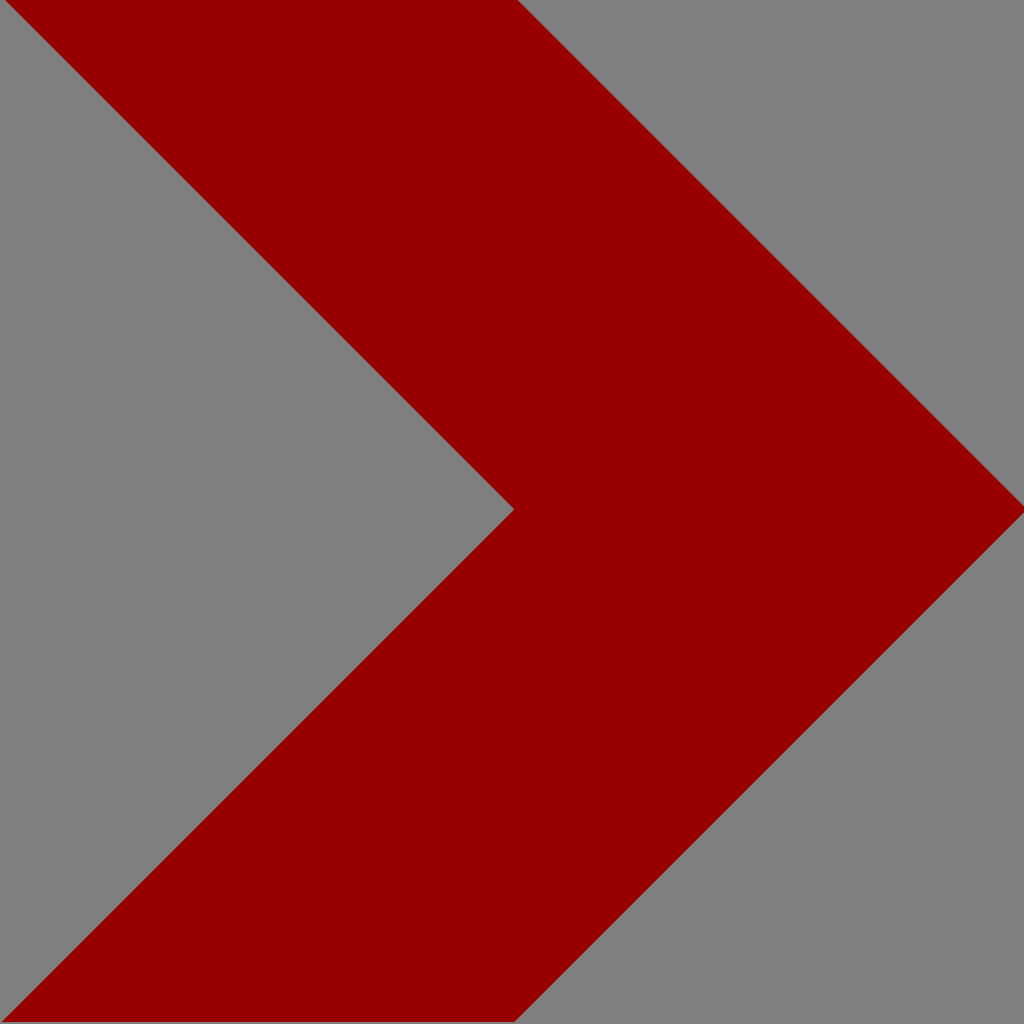
O que é para si ser Professora?

Não me vejo a fazer outra coisa. Gosto muito de ser Professora, acho que é uma profissão excelente, porque o que mais gosto é ter gerações diferentes de alunos, pensar sempre que são o atual futuro. É o facto de poder partilhar com os meus estudantes aquilo que é o gosto por aprender, o gosto por estudar, o gosto por saber, é a coisa mais importante que levo em ser Professora. Conversar, ouvir, pôr em causa, chocar, acho ótimo.

Defina o seu percurso numa palavra.

Eu tenho uma tia, que tem 97 anos e gosta imenso de viver e ela diz que, quando morrer, vai, mas vai contrariada. Eu digo a mesma coisa, eu saio da minha profissão, mas saio contrariada, ou seja, gostava de continuar, apesar de estar cansada. Na minha área profissional, acho que saio cumpridora e feliz.

Ana Morais



2001-2002



LEONÍDIO FERREIRA

CONCILIAR A CARREIRA PROFISSIONAL COM A DE DOCENTE A EXPERIÊNCIA ACADÉMICA DE QUEM JÁ ERA JORNALISTA NA ESE

Como foi o seu percurso até chegar ao IPS?

Eu estudei Comunicação Social no ISCSP [Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas] e, em 1992, quando estava no terceiro ano da licenciatura, entrei num estágio dentro do Diário de Notícias, o que deu início à minha vida como jornalista dentro do DN. Entretanto, quando acabei a licenciatura, há um momento em que surge um anúncio a pedirem um professor para a ESE e eu candidatei-me porque senti esta paixão dupla de ser jornalista e ser professor. Quando fui exercer na ESE, em 1999, já tinha um percurso de sete anos como jornalista no Diário de Notícias.

“Eu candidatei-me porque senti esta paixão dupla de ser jornalista e ser professor”

Ser coordenador de curso fazia parte dos seus planos enquanto docente?

Quando entrei era uma contratação que não era para os “quadros” da ESE e, portanto, não tinha nenhum plano em ser coordenador. Isso surgiu depois, em 2001, quando a professora Ana Maria Pessoa pensou em assumir a coordenação do curso e achou que era uma boa ideia juntar a minha vertente mais profissional à coordenação. A professora Ana Maria Pessoa tinha a parte mais académica e eu acrescentava a minha experiência jornalística, o que tornou a minha coordenação de curso numa dupla, era eu e ela.

Quais foram os maiores desafios que sentiu enquanto coordenador?

Eu e a professora Ana tivemos que fazer a primeira abordagem a Bolonha. Nós estivemos a analisar as cadeiras do curso, os créditos, as percentagens dos ECTS, porque apanhámos o processo de transição do bacharelato para a licenciatura. Isso foi o maior desafio.

Qual é a importância da Licenciatura em Comunicação Social na sociedade?

Eu acho que é muito importante. Hoje em dia, a maior parte dos jornalistas vem da área da Comunicação Social, porém, também acho que, por exemplo, a área do jornalismo não deve ser apenas limitada a esta licenciatura e que pode haver uma maior diversidade de experiências. Para quem tem a vocação desde jovem, em ser jornalista, é excelente haver uma licenciatura que permita começar a treinar para essa profissão. Hoje em dia, as redações são um misto destas duas situações, pessoas que descobriram a sua vocação ainda muito cedo e tiraram a área de Comunicação Social para serem jornalistas, ou pessoas de outras áreas que descobriram a paixão pelo jornalismo mais tarde.

Qual seria a sua “segunda opção” se não tivesse seguido esta carreira?

Se tivesse de acrescentar uma outra possível carreira, provavelmente seria a de diplomata.

Acha que a Licenciatura em Comunicação Social é valorizada no mercado de trabalho?

Posso responder sobre a altura em que dava aulas na ESE. Quando fui coordenador, a média de entrada no curso rondava os catorze valores e Comunicação Social na ESE pertencia às dez licenciaturas com nota mais alta na área para entrar no país. A ESE Setúbal tinha um prestígio associado à área da educação desde muito cedo e isso ajudou na afirmação de muitos cursos, como o de Comunicação Social. Também houve um grande esforço no início em fazer um compromisso entre os professores de carreira e jornalistas e técnicos com experiência prática. Acho que todos esses fatores contribuíram para que a licenciatura da ESE fosse desde o início valorizada.

“Tenho todo o gosto de, em tudo o que fiz na vida, falar desses oito anos na ESE”

30 anos de história de Comunicação Social no IPS, como se sente em fazer parte deste percurso?

Sinto que faço parte da história do curso, uma parte pequena, mas que é algo que ponho sempre no currículo e que enriquece o meu passado profissional. Eu dei aulas durante 1999 e 2007, algumas disciplinas mais técnicas, mas muitas jornalísticas. Havia uma cadeira que eu gostava muito, que foi invenção minha e era opcional, chamada História dos Meios de Comunicação Social. Foi um período muito exigente porque tinha que conciliar as aulas com a profissão de jornalista, mas foi uma passagem que me orgulha e claramente tenho todo o gosto de, em tudo o que fiz na vida, falar desses oito anos na ESE.

Defina o seu percurso numa palavra.

Desafiante.

Patrícia Teixeira



2003-2006, 2013-2018



RICARDO NUNES

SER MAESTRO SEM PAUTAS NEM INSTRUMENTOS UM PERCURSO MARCADO PELA PAIXÃO

Como foi o seu percurso até chegar ao IPS?

Tudo começou na área da Comunicação Empresarial, como consultor de uma empresa que visava melhorar a presença de entidades e empresas do ponto de vista comunicacional. Mas o gosto pela comunicação social cedo deixou este início para a minha história profissional. Iniciei a minha atividade jornalística na Rádio Azul (Setúbal) tendo desenvolvido vários projetos de informação. Seguiu-se a entrada para a TSF – Rádio Jornal, a maior escola de jornalismo que tive oportunidade de ter na vida. Aqui eu fiz um pouco de tudo no jornalismo: repórter, editor. Houve uma passagem breve pela RTP e uma experiência de formação num Instituto privado em Lisboa, aí fui docente de comunicação interpessoal num curso de hospedeiras e comissários de bordo. A ESE surgiu num momento em que ainda me encontrava como quadro na TSF e, por circunstâncias várias, optei pela via académica, onde me sinto confortável e satisfeito.

Porque escolheu ser docente no IPS?

Em certos momentos da vida somos confrontados com desafios e, quando me dei conta de que seria possível ter o melhor de dois mundos profissionais – prático e teórico, não hesitei e candidatei-me. Fiquei em primeiro lugar no concurso público e, desde essa altura, sinto-me duplamente jornalista pois tenho uma base empírica e simultaneamente conceptual. Ser docente é uma concretização profissional de grande relevância e à qual atribuo um tremendo significado: saber que parte de mim pode ser partilhado e adquirido por outro e ser levado pela vida fora é muito gratificante.

Ser coordenador de curso fazia parte dos seus planos enquanto docente?

Nunca foi um objetivo, mas sim um desafio ao qual achei que devia responder de forma afirmativa. Das duas vezes que tive essa oportunidade foi sempre muito trabalhoso, mas compensador.

Por que motivo aceitou ser coordenador de curso?

Por vezes existem situações pessoais, organizacionais que nos levam a ter que dizer: presente! Assim se explica como cheguei à função de coordenar o curso de Comunicação Social. Sem ambições, mas também sem recusas.

Quais foram os maiores desafios que sentiu enquanto coordenador?

Seguramente os processos de avaliação externa constituíram os momentos de maior exigência pois, o que está em causa é defender da melhor forma a licenciatura e fazer vingá-la no tempo. Quem passa por estes processos sabe que são de grande exigência profissional e que têm múltiplas implicações na vida de quem nos rodeia: estudantes, colegas, pessoal administrativo, em suma, comunidade que nos envolve. É preciso vestir a

camisola de modo a erguer a bandeira do curso, mas sempre receptivo a escutar o que têm os outros para nos dizer para enriquecer o trabalho comum.

Em termos práticos, o que faz um coordenador de curso?

É um maestro, mas sem pautas nem instrumentos musicais. As pautas e os instrumentos são todos os que nos rodeiam e fazem parte de uma comunidade mais vasta. Há um curso para observar e analisar do ponto de vista do seu funcionamento, da atualização que a academia e o mercado exigem, da maturação das ideias, da harmonização com todos os elementos que o compõem. Ocupa-se de manter um edifício organizado, equilibrado e coeso: horários, contratações, recursos materiais, tantas tarefas que conduzem, desejavelmente, para uma harmonia de procedimentos. E os estudantes, sempre os estudantes: parar para observar, escutar e intervir quando é necessário. Parar para sentir o estado da nação e agir em conformidade. Ser coordenador é ser um gestor de uma magistratura de sensibilidades!

“Ser coordenador é ser um gestor de uma magistratura de sensibilidades”

Qual foi o momento que mais o marcou enquanto coordenador de curso?

Todos os momentos que se traduziram na afirmação da licenciatura, na sua sólida continuidade e no desejo de que o trabalho realizado constitua uma mais-valia para a vida dos estudantes.

Qual a componente mais desafiante dessa tarefa?

Harmonizar vontades, apaziguar ruídos, estruturar pensamentos, agir de forma ética.

Qual a maior satisfação no exercício desta função?

Agir e decidir com a consciência de que, face à informação e ao contexto, as decisões foram as mais corretas. Agir sempre com verticalidade, com elevação. A satisfação resulta da autenticidade em que nos envolvemos nos processos.

Que contributos têm dado as comissões de avaliação externas?

As comissões devem ser entendidas como fator de reflexão do trabalho realizado e potenciadoras da mudança. Em todos os processos em que tenho participado, tenho sentido um autêntico e sério desejo de agir na construção de um bem comum, e esse bem comum chama-se licenciatura em Comunicação Social. Os contributos são muito diferenciados pois podem centrar-se em aspetos curriculares, sob o ponto de vista da estrutura ou, na maior parte das vezes, em concordâncias ou melhor dizendo discordâncias sobre unidades

curriculares e seus conteúdos e orientações, reflexões sobre perfis de saída, etc. Todos os contributos devem ser encarados como hipóteses de melhoria do curso e, por consequência, da qualidade da formação prestada.

Qual o perfil do licenciado em comunicação pela ESE-IPS?

Corresponde, de modo amplo, ao perfil de um diplomado formado, fundamentalmente, na área das ciências da comunicação e que por isso, fica capacitado para melhor entender o mundo, descodificar os seus múltiplos discursos e, acima de tudo, exercer uma função de tremenda responsabilidade social. Corresponde a um diplomado conceptual e tecnicamente capaz de pensar sobre a realidade que o rodeia e agir de forma consciente, ética e profissional no complexo universo da comunicação.

“É no berço da academia que se prepara, ampara, estimula e se desenvolve um *modus faciendi* profissional”

Como vê o futuro dos cursos de Comunicação Social?

Com esperança, mas também com apreensão. Pela diversidade e quantidade de ofertas formativas no país, as atuais ofertas terão de passar por um crivo, chamar-lhe-ia um crivo de sobrevivência. A dimensão do país, as oportunidades de absorção por parte das entidades e empresas são determinantes para a estabilidade e continuidade das diferentes ofertas. Aqui, como em todas as áreas, a lei da oferta e da procura são determinantes. Do ponto de vista conceptual, os cursos de Comunicação Social são solidamente ancorados e a perspectiva de alternância entre academia e ambiente de trabalho deve ser amplamente estimulada. Só dessa forma se consegue estabelecer diálogo entre os terrenos fundamentais: adubo e sementeira; crescimento e multiplicação da qualidade comunicacional e jornalística.

Qual é a importância da Licenciatura em Comunicação Social na sociedade?

Como em relação a todas as áreas de formação, também aqui se afirma uma cultura contrária aos aprendizes de feiticeiro. É no berço da academia que se prepara, ampara, estimula e se desenvolve um *modus faciendi* profissional. A licenciatura é um embrião profissional. A partir daqui, necessita de terreno fértil para se desenvolver de modo saudável, a bem de toda a sociedade. No fundo, cada licenciatura licencia para uma atividade específica, no caso, esta licença para bem comunicar uns com os outros, em múltiplas plataformas e distintos discursos. Sempre ancorados em sólidas bases teóricas e numa constante avaliação e capacidade crítica do trabalho desenvolvido.

Acha que a Licenciatura em Comunicação Social é valorizada no mercado de trabalho?

Sem sombra de dúvida. Há quase 50 anos que nasceu o primeiro curso de Comunicação Social no país (FCSH-UNL) e desde então que a tomada de consciência da sua importância é crescente. Hoje comunicar tem,

forçosamente de ter um cunho prévio da academia, devidamente acompanhado de um trabalho empírico. De ambos os percursos resultam profissionais sólidos e socialmente empenhados.

30 anos de história de Comunicação Social no IPS, como se sente em fazer parte deste percurso?

É um orgulho e uma enorme satisfação fazer parte deste histórico e saber que, de certa forma, há uma parte de nós que segue em cada diplomado. Três décadas de licenciatura é um momento particularmente feliz para olhar para o percurso realizado, refletir sobre o trabalho feito e projetar novas ideias a serem concretizadas.

Formar em Comunicação num Politécnico tem uma marca específica?

Absolutamente! Tem a marca específica de ser uma formação estruturada na matriz do Politécnico que, tal como o nome indica, aponta para a pluralidade, uma pluralidade teórica, complementada com uma diversidade técnica. É o ensino, porventura, tendencialmente mais equilibrado, pensado para um saber pensar e para um saber fazer. E quando conseguimos este equilíbrio, unem-se as duas partes de uma realidade formativa: a teoria projetada na prática; a prática radicada na teoria. Se os termos desta dualidade, que se pretende una, for bem pensado e executado, sem dúvida, teremos uma formação que equilibra os dois pratos da balança.

Qual seria a sua “segunda opção” se não tivesse seguido esta carreira?

Seria artista, escritor, poeta, malabarista. Ou gato vadio.

Quais eram suas expectativas antes de vir para o IPS? Corresponderam à realidade?

O homem sabe que ao longo da vida tem de confrontar, permanentemente, o seu quadro de expectativas com o ambiente que o envolve. Sem dramas, nem euforias, as expectativas têm sido geridas com a inteligência e a sensibilidade que se exige.

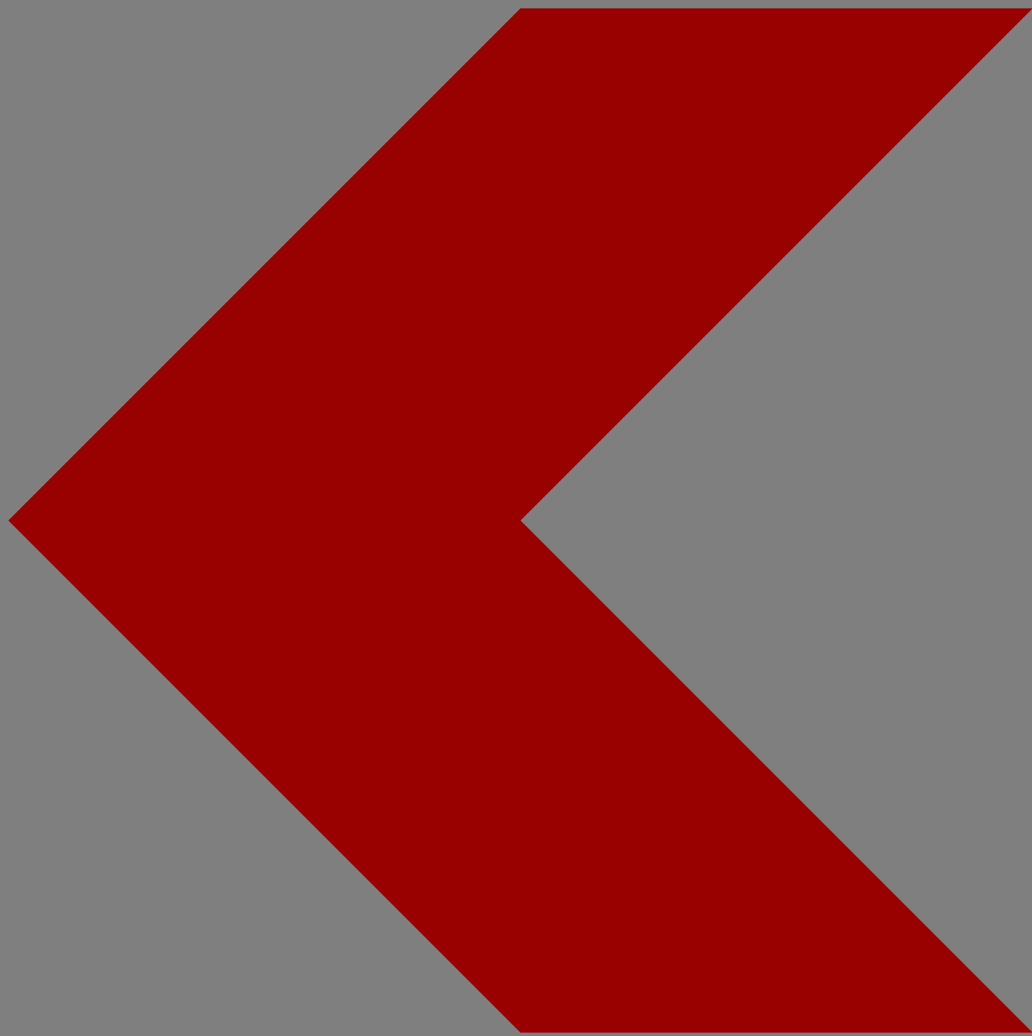
O que é, para si, ser professor?

Ser o que representa o saber, a experiência, a maturação. Um eterno aprendiz do conhecimento, eternamente rejuvenescido por cada turma, em cada ano letivo.

Defina o seu percurso numa palavra.

Um percurso apaixonado!

Daniel Ferreira



2012-2018



MARTA PINHO ALVES

“FUI APRENDENDO A SER PROFESSORA” SER COORDENADORA NÃO FAZIA PARTE DOS PLANOS

Começo por perguntar, como é que foi o seu percurso até chegar ao IPS?

Eu licenciiei-me em Ciências da Comunicação na Universidade da Beira Interior, entre 1993 e 1998, uma licenciatura pré-Bolonha. Na altura, entrei para a licenciatura com a expectativa de que iria interessar-me pelo jornalismo e de que era isso que eu queria fazer, mas rapidamente percebi que o jornalismo não era para mim, porque tem práticas e constrangimentos muito particulares e, ideologicamente, eu não me revia naqueles princípios e, portanto, percebi imediatamente que não era por ali que faria o meu percurso. Já tinha muito interesse pelo cinema, era uma espectadora ávida, e paralelamente à licenciatura comecei a ser cineclubista, fazia atividades de promoção e divulgação de cinema numa associação que existia na Covilhã. Entrei no IPS no dia 5 de março de 2001, cheguei a meio do ano letivo para o segundo semestre. Depois fiz o mestrado no ISCTE (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa) , tendo concluído em 2007, e terminei o doutoramento no ICS-UL (Instituto de Ciências Sociais - Universidade Lisboa) de em 2014. O mestrado, fi-lo todo a trabalhar aqui, fui trabalhadora-estudante. No doutoramento, durante dois anos tive um semestre de dispensa de serviço para fazer esse trabalho, mas, fundamentalmente, fiz o doutoramento a trabalhar.

Porque escolheu ser docente no IPS? Foi uma oportunidade que surgiu ou foi uma escolha?

Parece estranho, mas posso dizer que foram as duas coisas. Quando resolvi ir para a Licenciatura em Ciências da Comunicação nunca me tinha passado pela cabeça vir a ser professora, aquilo que eu pensava fazer depois de ter terminado o curso, ou quando já estava próxima da sua conclusão, era trabalhar em programação cultural e era essencialmente esse tipo de atividades que me interessava. Comecei a candidatar-me para produtoras de cinema, houve um momento em que obtive resposta e aceitaram-me como estagiária. Mais ou menos na mesma altura, abriu uma vaga aqui no IPS, eu vim à entrevista, mas sem expectativa nenhuma, não pensava que pudesse ser para mim, nunca na vida tinha pensado dar aulas. No entanto, havia vários candidatos para esta vaga, mas eu tinha uma competência que mais ninguém tinha, que desenvolvi no Cineclube. Aprendi a filmar com câmaras digitais e a editar digitalmente com o Premiere, um software que tinha acabado de surgir e como tinha essa competência, foi considerada uma mais-valia e foi isso que fez com que eu fosse escolhida. Depois fui aprendendo a ser professora, tive pessoas que me deram uma grande ajuda, tais como a professora Ana Maria Pessoa, a professora Teresa Marques e a professora Margarida Graça.

Ser coordenadora de curso fazia parte dos seus planos enquanto docente?

Eu acho que ser coordenador de curso não é uma coisa que faça parte dos planos de quem quer que seja, até porque tem uma dimensão administrativa e burocrática. Essa tarefa é difícil, é trabalhosa e, às vezes, é um

bocadinho aborrecida. Penso que as pessoas não vêm para o ensino com essa aspiração. Depois há uma dimensão científica, que acho que é mais interessante e essa eu já comecei a fazer antes. Ou seja, a professora Ana Maria Pessoa [anterior coordenadora da Licenciatura] manifestava preocupações ou projetava ideias para o curso e, como nós tínhamos um contacto muito próximo porque partilhávamos o gabinete, de alguma maneira eu já participava nesses processos. Havia sempre conversas ou um pedido de aconselhamento.

Foi este contacto que a levou a aceitar este cargo?

Eu acho que de certa maneira sim, até porque eu sentia que conhecia o curso com muita profundidade e conhecia vários dos problemas que estavam relacionados com este. Houve uma fase muito intensa de trabalho, quando a professora Ana Maria Pessoa ainda era coordenadora o curso teve de ser reestruturado, passámos de pré-Bolonha para Bolonha e houve muitas coisas para resolver, até mesmo no ponto de vista administrativo em que era necessário fazer um plano de transição, algo muito minucioso. Acompanhei muito a professora Ana Maria Pessoa nesse trajeto, fizemos muitas coisas em conjunto e, quando houve essa necessidade [de ser coordenadora de curso], eu senti que era uma coisa que estava preparada para fazer.

Qual foi o momento que mais a marcou enquanto coordenadora de curso?

O momento mais marcante foi quando eu e o professor Ricardo Nunes fomos chamados a fazer alterações no plano de estudos, no decurso de uma avaliação da A3ES, nós tivemos uma avaliação do curso que nos colocou numa situação de aprovação condicional, eles consideravam que havia problemas, que precisavam de ser resolvidos, os quais diziam respeito à estrutura do curso. O que a A3ES considerava era que nós não tínhamos recursos humanos suficientes para fazer um curso com tantos percursos possíveis, tínhamos que reorganizar a informação num corpo coerente. Era uma grande responsabilidade a vários níveis, estávamos a fazer uma mudança para o futuro e que viria a afetar obviamente o percurso de várias pessoas, professores e estudantes.

“Tenho o privilégio de poder estar a investigar, a estudar e a trabalhar sobre um tema que me apaixona”

Qual a componente mais desafiante enquanto coordenadora de curso?

Os aspetos mais importantes e aqueles que, para mim, convocam uma maior responsabilidade são a dimensão científica e a dimensão institucional. Mas há aqui uma outra componente, que é mais micro, igualmente muito importante: tentar compreender quais são as expectativas dos estudantes em relação à sua formação e depois se nós enquanto equipa conseguimos responder a esses anseios. É preciso ter a capacidade de ouvir e perceber que estamos a lidar com seres humanos, que têm expectativas e que não são apenas profissionais. O coordenador de curso tem a responsabilidade de perceber as pessoas do ponto de vista humano.

Qual o perfil do licenciado em Comunicação Social pela ESE-IPS?

Aquilo que normalmente é dito para caracterizar um estudante de Comunicação Social da ESE-IPS, é que são pessoas que têm um conhecimento diversificado, de várias áreas, e isso não é visto como um conhecimento generalista, não é para dizer que não são especializados em coisa nenhuma, é sim para dizer que têm, de facto, uma visão ampla do que é a comunicação. Além disso, muitas vezes aquilo que dizem é que estes estudantes estão muito bem preparados para entrar nas várias empresas e adaptar-se aos seus modelos de trabalho, porque o que é mais importante não é que a pessoa aprenda técnicas, porque essas técnicas depois são diferentes nas várias instituições.

Como é que vê o futuro dos cursos de Comunicação Social?

É muito importante que os cursos de Comunicação Social possam estar à altura, possam tentar encontrar respostas para o cenário dramático ao qual estamos a assistir neste momento no contexto laboral. Os problemas recentes não têm nada a ver com adaptações tecnológicas, não têm nada a ver com desafios desse ponto de vista, mas têm a ver com a reorganização do setor empresarial e uma falta de respeito por estes profissionais e pelo trabalho que desenvolvem. É determinante que a academia pense sobre isto e que pense como intervir neste cenário, nós já temos vindo a assistir a uma crise e a um contexto de precarização, de desrespeito até pelas liberdades individuais, a imposição das questões de mercado sobre estes trabalhadores, mas agora essa ofensiva é muito grande. E não é só quando falamos do jornalismo, se calhar neste setor é mais evidente, mas na área da produção audiovisual, por exemplo, os problemas são tremendos e acho que vai ser preciso levar isto a sério.

**“O coordenador de curso tem a responsabilidade de perceber
as pessoas do ponto de vista humano”**

Acha que a Licenciatura em Comunicação Social é valorizada no mercado de trabalho?

Acho que é valorizada. As empresas percebem como é que estas pessoas, altamente formadas e especializadas, são um contributo para o trabalho que se pode desenvolver ali. Nesse sentido, não há dúvida nenhuma de que é uma componente importante. A questão é que as empresas, se estão orientadas apenas por propósitos económicos, elas querem pensar como é que vão usar estes meios altamente qualificados para pô-los ao serviço do seu negócio. Por isso é que muitas empresas gostam tanto de estagiários e perpetuam as pessoas numa situação de precariedade, porque querem utilizar esses bons recursos, não gastando dinheiro com eles.

30 anos de história de Comunicação Social no IPS, como se sente em fazer parte deste percurso?

Temos aqui muito boas condições para ter uma formação de qualidade. Por estes 30 anos de existência, se pudesse dar um presente ao curso, oferecia-lhe um maior investimento. Precisávamos de mais recursos humanos,

mais gente a trabalhar no curso. Sempre se manifestou muito interesse por esta área e isso é uma coisa que nunca esmoreceu. Penso que o investimento que tem sido feito nesta licenciatura é um investimento muito débil, face àquilo que merecia. Isto pode ser quase um apelo a quem toma estas decisões, de gestão da instituição, que observe estes 30 anos de história, a relevância do curso e que perceba que esta é a única maneira de podermos ser melhores ainda e progredir ainda mais.

Qual seria a sua "segunda opção" se não tivesse seguido esta carreira?

Aquilo que imaginava fazer quando terminei a licenciatura era trabalhar na programação cultural, penso que teria ido por aí.

O que é, para si, ser professora?

É uma pergunta difícil, é muitas coisas. Gosto muito da dimensão científica e eu acho que tenho o privilégio de poder estar a investigar, a estudar e a trabalhar sobre um tema que me apaixona, é como se diz: “escolhe uma coisa que gostes de fazer e nunca terás de trabalhar um dia na vida”. Isso é, sem dúvida, algo muito positivo, poder estudar permanentemente sobre uma área de que gosto e conseguir transmitir essa informação a alguém. Além desta dimensão científica, o mais estimulante para mim, é a relação com as pessoas, fico muito satisfeita quando percebo que aquilo que digo tem impacto. Há umas semanas, fui contactada por um estudante que terminou a licenciatura há uns cinco anos, e que trabalha na secção de Cultura do Jornal Observador e queria fazer uma peça sobre um filme. Ele lembrava-se que nas aulas tínhamos falado sobre aquilo e achou que eu era a pessoa indicada para o ajudar a procurar informação para o artigo. Ele lembrou-se de mim como uma referência, é nesses momentos que vale a pena, nós ficamos satisfeitos e sentimos que a nossa função enquanto docente foi cumprida.

Defina o seu percurso na ESE-IPS numa palavra.

Numa palavra é difícil, mas eu diria bom! Ou muito bom!

Rui Morais



2022-2023



ALCINA DOURADO

“GOSTO DE SER PARTE DA SOLUÇÃO E NÃO PARTE DO PROBLEMA” UMA TRAJETÓRIA DE SUCESSO

Como foi o seu percurso até chegar ao IPS?

O início da minha carreira foi no domínio da imprensa, seguindo-se o trabalho na vertente das relações públicas no setor privado. Do ponto de vista académico, frequentei a Licenciatura em Comunicação Social na Universidade da Beira Interior, a designação do curso foi alterada para Ciências da Comunicação. Fiz o que era esperado: mestrado, doutoramento, especialização e várias formações em diversas áreas. Foquei-me em comunicação estratégica, os meus interesses académicos são como os meus gostos musicais: ecléticos.

Porque escolheu ser docente no IPS?

Não escolhi, foi-me apresentada e eu aproveitei a oportunidade. Com 25 aninhos, procurava caminhos que pudesse percorrer para compreender onde me sentia mais feliz e fui experimentando várias possibilidades. Quando tive de escolher continuar o percurso académico ou mudar de profissão, aí sim, optei por continuar no IPS.

Ser coordenadora de curso fazia parte dos seus planos, enquanto docente?

Não, não fazia parte, mas estava no horizonte profissional. Essa possibilidade é muito real, pois é uma das responsabilidades inerentes à profissão.

Porque motivo aceitou ser coordenadora de curso Comunicação Social?

Porque gosto de ser parte da solução e não parte do problema. Era necessário encontrar um docente para substituir a coordenadora efetiva em funções, à época a colega Lídia Marôpo. Apresentava-se como uma oportunidade de aprender as responsabilidades de um coordenador de curso, que são diferentes da coordenação de departamento ou de qualquer outro cargo. Assim, encarei estes 6 meses de coordenação como um “estágio”.

Quais foram os maiores desafios que sentiu enquanto coordenadora?

A gestão do tempo, a organização das tarefas e informação associada, bem como a resposta rápida às solicitações.

Em termos práticos o que faz um coordenador de curso?

Falamos de tarefas desde gestão até comunicação, incluindo planeamento, ou seja, para além de garantir o horário letivo atribuído ao docente, enquanto coordenador a este profissional são-lhe atribuídas horas para

fazer face às múltiplas solicitações que surgem todos os dias. Não só leciona as suas unidades curriculares como coordena e acumula essas funções com outras funções como membro de órgãos de gestão, elemento de equipa de projeto, faz e publica os resultados da investigação, participa em formações, etc.

Qual foi o momento que mais a marcou enquanto coordenadora de curso?

Não houve um momento, mas vários momentos. Mas aquele que apreciei mais foi conhecer os estudantes do 1º ano. Eu assumi funções no primeiro semestre. Por isso tive o privilégio de conhecer a nova turma. Parece que se rejuvenesce quando contactamos com as gerações mais novas. Apesar dos desafios que cada geração traz consigo.

Qual a componente mais desafiante dessa tarefa?

Eu diria Learning by doing. Apesar do apoio incedível da anterior coordenadora, cada novo pedido era acompanhado de uma miríade de pequenos problemas, alguns administrativos, outros processuais, outros tecnológicos, outros ainda de âmbito comunicacional, enfim, foi efetivamente um estágio.

“Parece que se rejuvenesce quando contactamos com as gerações mais novas”

Qual a maior satisfação no exercício desta função?

Que fazemos parte de algo maior que nós. Que contribuímos para que outros possam fazer o seu trabalho, facilitando o seu percurso, as suas decisões, desde colegas professores, hierarquias e estudantes. Que, no final do meu dia de trabalho, valeu a pena. O coordenador, no fundo, é um facilitador.

Que contributos têm dado as comissões de avaliação externas?

Apesar dos contactos esporádicos, cada reunião permite auscultar aquilo que o contexto externo à ESE/IPS tem de significativo face aos objetivos desta licenciatura. Desde que este curso foi criado que o mercado tem mudado. Atente-se, por exemplo, ao impacto que a Inteligência Artificial tem! Por isso, é muito importante manter este vínculo para adequar a oferta de profissionais às necessidades do mercado, nos diferentes quadrantes de saídas profissionais.

Qual o perfil do licenciado em comunicação pela ESE?

Cada geração é diferente e traz novas características, logo, novos desafios. Há um perfil do licenciado estipulado para a licenciatura. No entanto, em cada final de ciclo, há um conjunto de recém profissionais que,

nos últimos anos tem-se demarcado pela sua apetência pelo mundo digital e pelo audiovisual, seja na vertente de jornalismo, seja na vertente de comunicação estratégica.

Como vê o futuro dos cursos de comunicação social?

No preenchimento das vagas nos concursos de acesso, não antevejo dificuldades. Mas atendendo às tendências conhecidas e olhando para o impacto que a Inteligência Artificial pode deter, aí tenho a consciência de que será um domínio sujeito a grandes transformações. Por exemplo, recorrendo à IA é possível redigir um comunicado de imprensa praticamente a partir de 1 ou 2 prompts. Em Relações Públicas isto tem implicações profundas, pois discute-se que as profissões mais impactadas pela IA são aquelas que requerem mais conhecimento e competências, podendo até levar à sua extinção. Portanto, a moral da história é: adaptação!

Qual é a importância da Licenciatura em Comunicação Social na sociedade?

Fulcral! São estes profissionais que vão, na realidade, determinar parte importante do futuro do sistema democrático em que vivemos. Num ano em que comemoramos os 50 anos da revolução de abril, estamos a assistir a um revivalismo do ambiente vivido nos anos 20 e 30 do século passado. O acesso à informação de qualidade é fundamental para garantir que o cidadão, o político, o empresário, tomam as decisões adequadas.

“Cada geração é diferente e traz novas características, logo, novos desafios.”

Acha que a Licenciatura em Comunicação Social é valorizada no mercado de trabalho?

Claro. Depois de várias gerações em que não havia requisitos para o exercício de profissões na área, neste momento, a maioria dos profissionais deste domínio detém formação superior em Comunicação Social, Ciências da Comunicação ou equivalentes, o que é muito positivo. Por outro lado, o facto de a formação decorrer numa instituição superior de ensino politécnico confere a garantia de que o estudante teve várias oportunidades de praticar aspetos importantes da sua profissão, seja em unidades curriculares práticas ou laboratoriais, seja através do estágio.

30 anos de história de Comunicação Social no IPS, como se sente em fazer parte deste percurso?

Orgulhosa. Tive o privilégio de fazer parte de 28 desses anos, com tudo o que de bom e menos bom surgiu pelo caminho. Partilhei esse caminho com várias pessoas importantes que, entretanto, seguiram outros rumos, mas deixaram a sua marca. A fundadora, a professora Regina Marques ou a jornalista Diana Andringa, o subdiretor do Diário de Notícias Leonídio Ferreira, ou o marketer Luís Rasquilha, que foram aqui docentes. Outros que, entretanto, infelizmente faleceram, como a professora Lucília Marcos ou o saudoso José Lechner.

Formar em Comunicação num Politécnico tem uma marca específica?

Claro que sim. A vertente prática é enfatizada, porque o que nos pedem é que preparemos profissionais para o mercado de trabalho. Não esquecemos, no entanto, que é imperioso formar o cidadão, um indivíduo completo, atuante, com uma estrutura de pensamento.

Qual seria a sua “segunda opção” se não tivesse seguido esta carreira?

Estava a encaminhar-me para o mundo empresarial, na vertente de comunicação estratégica e organizacional, em relações públicas. Teria sido esse o meu caminho, pois também foi por aí que orientei o meu percurso académico e é nesses domínios que me sinto à vontade. Assim, provavelmente estaria a trabalhar numa organização sem fins lucrativos, focada nas questões ambientais ou de defesa do consumidor.

Quais eram as suas expetativas antes de vir para o IPS? Corresponderam à realidade?

Sim, corresponderam e excederam a realidade. Foram-me oferecidas oportunidades de crescer enquanto pessoa e enquanto profissional. Conheci pessoas com quem tive o privilégio de aprender. Participei em projetos que me transformaram.

O que é para si ser professor?

Aprendizagem constante.

Defina o seu percurso numa palavra.

Coerente.

Patrícia Vasconcelos



2019-2022, 2023-



LIDIA MARÔPO

“QUEM ENSINA SEMPRE APRENDE, ESTAMOS NA VIDA PARA APRENDER” UM PERCURSO DE PAIXÃO E COMPROMISSO NO IPS

Como foi o seu percurso até chegar ao IPS?

Sou jornalista de profissão e trabalhei também muitos anos na área da comunicação estratégica, para empresas e para organizações não governamentais, mas sempre gostei de estudar e gostava também da ideia de ensinar. No Brasil, fiz pós-graduações na área, mas na minha cidade não havia mestrado na época em comunicação. Tive um professor português que é uma referência na área das Ciências da Comunicação aqui em Portugal, que se chama Adriano Duarte Rodrigues e tinha vindo para um congresso internacional de jornalistas em Lisboa e tinha gostado muito. Então acabei por vir fazer mestrado na Universidade Nova de Lisboa, sempre achei que ia voltar para o Brasil, mas as oportunidades foram surgindo, depois fiz o doutoramento com a bolsa da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, o pós-doutoramento, sempre com investigação comparando o Brasil e Portugal. Já estava muito adaptada à vida em Portugal, vivia em Lisboa, fui ficando, comecei a dar aulas. No Brasil trabalhei como assessora de comunicação, mas depois comecei a dar aulas numa Universidade muito grande na minha cidade, que se chama Universidade de Fortaleza, uma Universidade privada, que na época tinha quase 30 mil alunos, e foi por isso também que fui fazer Mestrado, porque queria seguir a carreira académica. Depois fiz esse percurso todo que contei e, quando estava a fazer o pós-doutoramento, comecei a dar aulas aqui em Portugal, no Instituto Politécnico de Portalegre e na Universidade Autónoma de Lisboa, foi quando abriu um concurso aqui para o Politécnico há dez anos, mais ou menos, fui aprovada e vim para cá com muito gosto. E estou cá há uma década e gosto muito.

O que é que a motivou a vir para o IPS? A ser docente aqui no IPS?

Gostava da ideia de ser professora numa instituição pública, dava mais possibilidades de desenvolver uma carreira académica, de fazer investigação, de ter um percurso mesmo académico, e surgiu esta oportunidade e pronto, abracei e valeu a pena.

E ser coordenadora de curso, estava nos seus planos ou foi uma surpresa?

Não, gosto muito de ensinar e gosto muito de investigar, as partes de gestão sempre são um dos maiores desafios, mas somos poucos professores cá em Setúbal, e temos que nos revezar nestas funções, coube a mim e tento desempenhá-la com o maior empenho possível e com a maior dedicação.

O que a motivou a aceitar esta proposta em ser coordenadora de curso?

Eu gosto muito do contacto mais próximo com os alunos, de ajudá-los a resolver problemas e as questões que surgem. Além disso, gosto da ideia de pensar melhor no curso, agora vamos ser avaliados, faremos uma reformulação curricular para atualizar o currículo, para melhorar o que precisa de ser melhorado, mas para também poder discutir melhor os rumos do ensino. Acho que são todos esses desafios importantes na área e que depois acabam por ser gratificantes quando conseguimos alcançar alguns destes objetivos.

E enquanto coordenadora de curso, já há algum tempo, houve algum desafio que tenha sido marcante, ou alguma coisa que ainda esteja a ser marcante no seu percurso?

Eu acho que as avaliações de curso são sempre muito desafiantes, é um processo muito árduo e muito exigente, gosto muito de realizar semanas da comunicação, juntamente com os meus colegas da equipa que organiza, como os estudantes, gosto muito de ver os estudantes a concluir o curso e acompanhar um bocadinho, quando consigo, da sua inserção no mercado de trabalho, tudo isso é muito marcante, como por exemplo conversar com os alunos que estão a conseguir conquistar os seus objetivos profissionais, é mesmo muito gratificante e muito marcante. Eu diria isso, o contacto com os alunos, vê-los a progredir profissionalmente, a semana da comunicação e o próprio dia a dia, o das aulas, do acompanhamento dos estudantes.

“Eu gosto muito do contacto mais próximo com os alunos, de ajudá-los a resolver problemas e as questões que surgem.”

E em termos práticos, o que é que faz um coordenador de curso?

Resolve muitos problemas, ajuda na distribuição de serviço, discute quem são os professores que vão dar que disciplinas, isso é uma função do departamento, mas os coordenadores também auxiliam nisso. Tento ser muito aberta e conversar com os estudantes para saber se há alguma questão ou algum problema que possa ajudar a resolver, e além disso temos aqui muito trabalho burocrático. Planear cada ano letivo, discutir questões científicas e técnicas, no conselho técnico científico, acompanhar o trabalho dos professores, pensar na Semana da Comunicação, acompanhar e tentar divulgar as possibilidades de mobilidade, ERASMUS, por exemplo.

Qual a componente mais desafiante da tarefa de ser coordenadora?

Acho que é lidar com a burocracia do serviço público, que é sempre muito difícil. Não é fácil tomar decisões, não é fácil mudar as coisas porque tem tudo regras muito rígidas, é muito mais moroso e lento que mudar as coisas e tentar pensar projetos, porque somos poucos professores para muito trabalho, e também porque a estrutura burocrática do serviço público, em geral, é complexa, acho que é isso o mais difícil.

Qual a maior satisfação em exercer este cargo?

São os alunos! Gosto de atender individualmente, de puder ajudar quando é possível, de ter um contacto mais próximo e estar atenta, acho que é o que mais gosto.

E como vê o futuro dos cursos de comunicação social?

Eu acho que temos aqui um desafio muito grande porque as coisas estão a mudar muito rápido nesta área. Por outro lado, há uma crise muito grande, infelizmente no jornalismo, e é uma área que está a mudar rapidamente e temos o desafio de acompanhar isto. Estou sempre a atualizar, por exemplo, o programa que estou a dar agora em Educação para os Media, não é o mesmo de há dois anos. Acho que esse é o grande desafio, é ficarmos atentos a novas possibilidades, a novas áreas da comunicação e adaptarmos o currículo a essas novas áreas que são muito influenciadas, por vezes, pela evolução tecnológica.

“Eu diria que há um reconhecimento de uma formação de qualidade, mais generalista na área da comunicação.”

Considera que esta licenciatura é valorizada no mercado de trabalho?

Acho que a formação em Comunicação Social já tem um reconhecimento geral em Portugal, como no resto do mundo. É sempre um curso muito concorrido para entrar, não é só aqui, no Brasil também é extremamente concorrido, e é um curso que dá uma visão geral na área da comunicação, mas que as pessoas têm de se especializar em uma área ou outra. Acho que isso também é um outro grande desafio para os alunos, mas eu acho que o curso é reconhecido como os que dão uma boa formação geral, na área da comunicação, mas como todas as licenciaturas hoje, têm uma limitação porque tem um tempo muito curto, são só três anos de curso não é possível as pessoas se aprofundarem ou se especializarem muito em subáreas da comunicação, num curso que é muito mais geral e de três anos. Mas eu diria que há um reconhecimento de uma formação de qualidade, mais generalista na área da comunicação.

30 anos de história de Comunicação Social no IPS, como é que se sente em fazer parte deste processo?

Acho que a memória é algo importante! Eu não estava aqui desde o princípio, mas participei de um terço desta história e até para mim vai ser muito interessante aprender e saber mais do que aconteceu antes de eu estar cá. E então, acho que esse resgate da memória é muito importante e acho que nos vai ajudar também a trilhar e a pensar caminhos daqui para a frente. 30 anos já é tempo bastante largo, são três décadas que atestam a qualidade e o compromisso do curso. Durante todos estes anos o curso foi avaliado, aprovado, e acreditado pela Agência de Acreditação do Ensino Superior [A3ES]. Os 30 anos são um marco na história do curso e uma prova da qualidade e da solidez da formação que oferecemos.

O que é para si ser professora?

O melhor de ser professora é estar sempre a aprender. Para ensinar, estamos sempre a aprender e não só estamos sempre a estudar, como estamos sempre em contacto com novas gerações e a trocar ideias. Acho que o que eu mais gosto da profissão é essa possibilidade de estudar os temas, aprofundar, conhecer e contactar com as gerações mais novas, mas é verdade que às vezes são um bocado barulhentos [risos], têm muita energia, mas também tem um lado muito gratificante. Quem ensina sempre aprende e acho que nós estamos na vida para isso, para aprendermos sempre e é essa a beleza da profissão de professor.

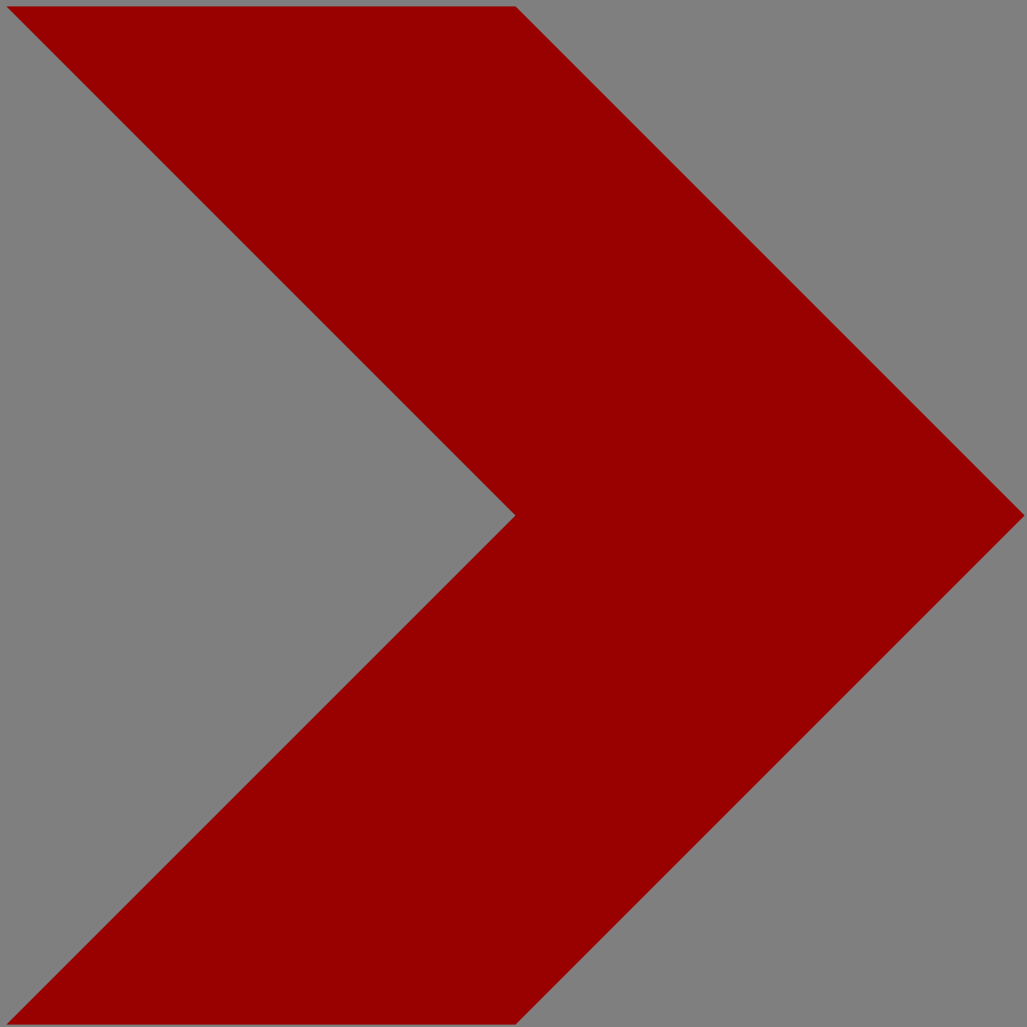
Qual seria a sua "segunda opção" se não tivesse seguido esta carreira?

Gosto da minha profissão, mas se tivesse que escolher uma segunda opção gostaria de ter estudado Relações Internacionais e de ser diplomata.

Se tivesse que definir o seu percurso numa palavra, qual é que seria?

Desafiante.

Joana Mendes



1993 - 19 Novembro 1993 (Portaria nº 1212/93) - Criação e plano de estudos do grau de Bacharel em Comunicação Social.

1993-2000 - Prof^a Regina Marques-Fundadora do Bacharelato em Comunicação Social e primeira Coordenadora de Curso.

1998 - 17 Julho 1998 (Portaria nº 413-E/98) - Conversão dos graus de Bacharel em Cursos de Licenciatura ou Cursos Bietápicos de Licenciatura: Educação de Infância, Ensino Básico - 1º Ciclo e Comunicação Social.

2000 - 4 Outubro 2000 (Portaria nº 955/2000) - Alteração ao plano de estudos do Curso Bietápico de Licenciatura em Comunicação Social.

2001-2002 - Comissão de Avaliação Externa.

2001- 10 Agosto 2001 (Portaria nº 95 8/2001) - Alteração ao plano de estudos do 2º ciclo do Curso Bietápico de Licenciatura em Comunicação Social.

2001-2002 - Prof^a Ana Maria Pessoa e Prof. Leonídio Ferreira - Coordenadores de Curso.

2003-2006 - Prof. Ricardo Nunes - Coordenador de Curso.

2006-2012 - Prof^a Ana Maria Pessoa - Coordenadora de Curso.

2008 - Comissão de Avaliação Externa.

2012-2013 - Prof^a Ana Maria Pessoa e Prof^a Marta Pinho Alves - Coordenadoras de Curso.

2012-2013 - 1ª Semana do Curso de Comunicação Social.

2013-2018 - Profª Marta Pinho Alves e Prof. Ricardo Nunes - Coordenadores de Curso.

2014 - (Despacho N. 6899/2015 de 19 de Junho (DR 118 série 2) - Alteração ao plano de estudos do Curso de Licenciatura Bietápico em Comunicação Social - Processo de Bolonha.

2019 - 2022 - Profª Lidia Marôpo - Coordenadora de Curso.

2019 - Comissão de Acompanhamento e Avaliação.

2022 - Prémio Carreira AlumnIPS atribuído a Maria Helena de Sousa Freitas licenciada em Comunicação Social pela ESE/IPS (2000).

2022-2023 - Profª Alcina Dourado - Coordenadora de Curso.

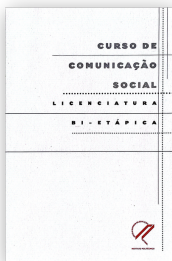
2023- Profª Lidia Marôpo - Coordenadora de Curso.

2024 - Nomeada a Comissão de Autoavaliação da Licenciatura em Comunicação Social no âmbito da acreditação de ciclos de estudos pela A3ES.

2024 - Nomeada a Comissão de Acompanhamento e Avaliação da Licenciatura.

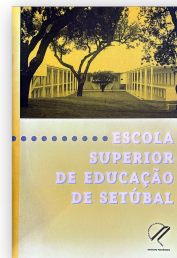
2024 - Comemorações dos 30 anos do Curso em Comunicação Social.

2024 - 10ª Semana da Comunicação: " 30 anos de Comunicação em 50 de Liberdade".



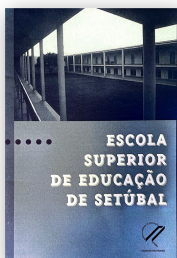
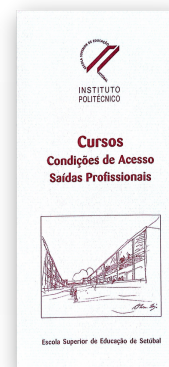
Folheto do Curso de Comunicação Social - ESE/IPS - s.d.

Folheto dos Cursos da ESE/IPS - s.d.



Folheto do Curso de Comunicação Social - ESE/IPS - s.d.

Folheto dos Cursos da ESE/IPS - s.d.



Folheto dos Cursos da ESE/IPS - s.d.



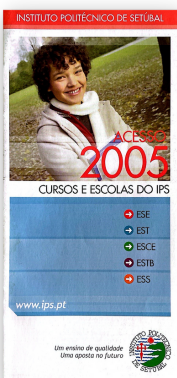
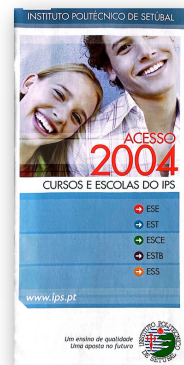
Folheto dos Cursos do IPS - s.d.

Folheto dos Cursos do IPS - s.d.



Folheto dos Cursos do IPS - s.d.

Folheto dos Cursos do IPS - 2004



Folheto dos Cursos do IPS - 2005





“O SONHO DE COZINHAR NOTÍCIAS” UMA PASSAGEM INESPERADA MAS DE ATERRAMENTO PLENO

Ao contrário da ideia estereotipada de ser jogador de futebol, Leonardo Alexandre, 20 anos, nunca ambicionou ser craque da bola. Na sua infância revia-se entre facas e panelas tendo a culinária como paixão, mas hoje o mundo da gastronomia é outro, tendo “o sonho de cozinhar notícias e alimentar as pessoas com um bom trabalho informativo”. Natural de Samora Correia e dono de uma voz característica, foi em tenra idade que a comunicação entrou na sua vida. Entre brincadeiras, a gravação de vídeos, era habitual e ainda que com pouca qualidade “gravava entrevistas e reportagens onde questionava as pessoas sobre o que faziam e o que gostavam”, expressa nostálgico recordando a infância. Foi apenas no Ensino Secundário em que contactou diretamente com a área comunicacional, onde deu os “primeiros toques no jornalismo radiofónico e nas notícias”, experiências que o levaram a querer seguir este ramo. Ainda que a viagem não tivesse o destino planeado, ingressou na Escola Superior de Educação do IPS de paraquedas, “mas felizmente fiz uma aterragem em pleno”, afirma Leonardo. Recordando a expectativa de aprender e preparar-se para o mundo profissional, menciona que a ESE “nunca me falhou”, acrescentando ter sido aqui que encontrou vocações profissionais e pessoais e amigos para a vida. Apesar deste encontro ser um caminho único e desafiador, Leonardo diz já ter encontrado o seu “ser locutor de rádio, transmitindo a informação e entretendo as pessoas através da minha voz”. Mas a rádio não é para si uma paixão nova, pensativo recorda as ideias “que criei desde pequeno, quando ia no banco de trás do carro nas viagens com os meus “velhotes” a ouvir aquelas vozes, que por magia apareciam dentro do carro”, mencionando o fascínio que tem pela ideia das pessoas conhecerem a sua voz e associarem-na ao seu rosto. O aluno deslocado passou a ter Setúbal como segunda casa devido ao sonho na comunicação, mas afirma que “apesar das saudades da família e amigos da “terrinha” a coisa faz-se bem e o aparecimento de bons resultados e reconhecimento do esforço, alivia este sentimento”. Questionado sobre o estado atual do jornalismo, menciona ser “o gosto pelo ofício e a confiança no potencial da área da comunicação” motivos pelos quais continua a ambicionar ser locutor de rádio, esperançoso que “o meio social entenda o jornalismo no seu todo como um dos maiores pilares da sociedade e conhecimento”. Na reta final deste percurso, prestes a concluir a licenciatura, Leonardo Alexandre define a passagem pela ESE-IPS como “intensa, porque acredito que tudo na vida deve ser feito intensamente, sem medida”.

Rui Morais

3º ANO - A FREQUENTAR



LEONARDO ALEXANDRE

NOTAS MUSICAIS E HISTÓRIAS IMPRESSAS

“ALIMENTARAM CADA VEZ MAIS O MEU BICHINHO PELA COMUNICAÇÃO”

Numa pequena cidade do Porto, em Felgueiras, nasceu um jovem sonhador destinado a deixar a sua marca no mundo da comunicação. Rui Morais, 19 anos, descobriu a sua paixão desde tenra idade, influenciado por uma figura inspiradora: a sua avó materna. Juntos, passavam horas no “sofá verde”, imersos na “caixa mágica” a qual trazia vozes que relatavam notícias e rostos que despertavam sorrisos. O mundo artístico esteve sempre presente na vida de Rui, graças aos seus pais, que cantavam por todo o lado. A melodia da música portuguesa permeava os seus ouvidos, uma trilha sonora que evocava a infância e o fado, enraizado na rádio e na voz do pai. O teatro abriu as cortinas para a sua imaginação e a oportunidade de integrar a equipa da rádio escolar e do jornal do agrupamento acrescentou uma dimensão palpável ao seu fascínio pela área comunicacional, “fizeram-me acreditar e alimentaram cada vez mais o meu bichinho pela comunicação”. Esta paixão manifesta-se de diversas formas, desde o jornalismo televisivo até à apresentação, mas a Escola Superior de Educação revelou uma nova vocação: o jornalismo impresso. Cada palavra impressa ganhou significado, uma nova dimensão de contar histórias que o apaixonou profundamente. “Existem pelo menos três grandes referências que me inspiram”: Sandra Felgueiras, que, com a sua procura pela verdade, o inspira na área informativa, e os carismáticos Manuel Luís Goucha e Cristina Ferreira, figuras do entretenimento que o cativaram, mas a verdadeira inspiração reside na sua família, especialmente na sua mãe. A perda do seu pai quando tinha apenas oito anos moldou a sua resiliência, ensinando-lhe a lutar pelos sonhos mesmo perante as adversidades, “devo-lhe tudo”. Ao ingressar no Instituto Politécnico de Setúbal, embora não tenha sido a sua primeira escolha, encontrou uma revelação profunda. Na acolhedora cidade, percebeu que havia encontrado um lar, graças às pessoas que rapidamente se tornaram na sua segunda família. No turbilhão de desafios que os estudantes enfrentam, Morais encontra motivação no sonho, “é essencialmente o sonho e a vontade de fazer, que me levam a esforçar-me, ainda que os dias não sejam todos bons, é acreditar que amanhã será melhor”. Mas apesar das dificuldades em se adaptar a um novo ambiente e lidar com a saudade da família, acredita que “o conhecimento prático adquirido na ESE é uma ferramenta valiosa”. À medida que se aprofunda nas águas da comunicação, descobre que quanto mais aprende, mais deseja saber. O seu entusiasmo por comunicar é como um mergulho num oceano infinito, e Rui está determinado a explorar cada profundidade desse campo que o fascina cada vez mais.

Jéssica Dias

2º ANO - A FREQUENTAR



RUI MORAIS

A PAIXÃO DE RAFAELA “ACHO QUE APRENDEMOS MUITO A OUVIR O OUTRO”

Rafaela Cardoso entrou, em outubro de 2023, para o Instituto Politécnico de Setúbal, juntamente com a mais nova “fornada” de estudantes de Comunicação Social. Tem 18 anos, mora em Penalva “no meio do nada”, tem apenas um autocarro que lhe permite chegar à estação do Pinhal Novo, onde apanha o comboio da CP, em direção às Praias-Sado A. Esta é a rotina da jovem desde o dia em que ingressou no curso. Foi a sua primeira escolha na candidatura ao Ensino Superior. No final do 12º ano, não sabia bem o que queria seguir, mas sabia duas coisas: não queria ir para Lisboa “porque é muito longe, são mais transportes e mais complicações” e adora falar. Decidiu, por isso, “juntar o útil ao agradável” e escolheu o primeiro curso em Comunicação Social que encontrou. Quem a conhece faz questão de a descrever como uma pessoa “insegura”. Algo que, segundo a mesma, tem vindo a melhorar neste curto tempo (4 meses) em que esteve no IPS. “Fiz coisas que não estava à espera de fazer e que pensava que não era capaz de fazer”. Atribui esta conquista à base sólida de amigos e colegas que construiu: “Cheguei aqui e fui muito bem recebida, seja pelos colegas da minha turma ou pelos colegas dos outros anos. Senti-me bem com o curso”. Afirmando, ainda, que todas estas pessoas, na mesma situação que ela, que a compreendem, a tranquilizam. Para além de insegura, afirmam ainda que a jovem, por vezes, pode ser bastante “ansiosa” com trabalhos e testes: “Às vezes ponho demasiada pressão nos meus colegas (inicialmente punha mais) e isso acaba por influenciar o trabalho que eles fazem”, admite. No entanto, com a ajuda dos seus amigos, tem conseguido melhorar nesse aspeto. No início do ano, foi nomeada Representante de Turma pelos seus colegas, algo que surgiu inesperadamente. Tem sido uma experiência enriquecedora e importante na formação de Rafaela onde tem evidenciado a sua responsabilidade e organização. Apesar de querer ser jornalista (ou, “se não vingar nesta profissão”, locutora de rádio), não foi isto que a motivou, inicialmente, a ingressar em Comunicação Social. Admite que a maior razão foi mesmo o facto de falar muito. Mas isto de “falar muito” não se trata apenas de um traço de personalidade da jovem, considera-o uma paixão: “Apaixono-me por conhecer o outro, pela comunicação com os outros. Acho que aprendemos muito a ouvir. Aquilo que mais gosto de fazer é falar e transmitir ideias... Nem que seja com a «velhinha» na paragem de autocarro [ri-se]”.

Iara Silva

1º ANO - A FREQUENTAR



RAFAELA CARDOSO

**“A MINHA PAIXÃO PELO DESPORTO SOBREPÕE-SE À MINHA
FALTA DE AMOR PELO JORNALISMO”
OS DOIS PESOS NA BALANÇA**

Por vezes é necessário medir os nossos desamores e contrabalançá-los com as nossas maiores paixões, só assim encontraremos o equilíbrio para começar uma jornada. Tiago Trindade, 22 anos, atualmente, estagia profissionalmente no jornal desportivo A Bola, onde fez, também, o seu estágio curricular, o qual descreve como “uma oportunidade caída do céu”. Tiago acredita que a escola não o preparou por completo para o mercado de trabalho, no entanto afirma que no IPS aprendeu muito, especialmente no que toca à escrita que utiliza diariamente: “a forma como escrevo agora, aprendi cá”, não se ficando apenas pela escrita, realça ainda que foi neste curso que aprendeu a estar preparado para responder a qualquer necessidade que o jornal onde trabalha possa ter. Destaca que este curso é muito prático, algo que o cativou enquanto o frequentava. Cativou Tiago e não só, porque “falo com colegas meus que estão em cursos parecidos e dizem que gostavam que o curso fosse tão prático como o meu”. Ao explorar ainda mais o carácter prático do curso, dá o exemplo da unidade curricular Produção de Texto Jornalístico, na qual se produzem revistas anualmente e isso: “é incrível”, para alguém cujo futuro passe por uma redação. Ao fazer uma pequena retrospectiva, diz: “Não me imagino noutra curso sem ser CS”. O salto que deu do Politécnico para A Bola foi “um choque”, por não estar totalmente preparado para a pressão que se sente numa redação. “É tudo na hora, não pode demorar muito se não a concorrência mete primeiro”, é assim que descreve a maior dificuldade que sente, por ser “cada um por si”, afirmando que corresponde ao que esperava do jornalismo. A situação de Tiago é peculiar, porque “sempre disse que não queria ser jornalista”, mas havia um único género jornalístico que o conquistava, ou melhor, “que tolerava”, o jornalismo desportivo, e num tom quase poético solta: “a minha paixão pelo desporto sobrepõe-se à minha falta de amor pelo jornalismo”. Motiva quem acabou de entrar no curso de Comunicação Social, a não desistir, porque ao pensar em colegas que desistiram muito cedo, no primeiro ano da licenciatura, afirma que “se não desistirem, se forem para a frente vão fazer coisas muito giras”. No seu consistente jeito tímido, mas sempre cómico e relaxado ao falar, descreve o curso como “caótico, num bom sentido”, porque há sempre muita coisa a acontecer, mas realça como ponto positivo porque se aprende muito no meio desse caos que nos enriquece como alunos e futuros profissionais na área da comunicação, por isso, sim “caos é uma boa palavra”.

Guilherme Cabral



TIAGO TRINDADE

O PODER DAS CONEXÕES COMPANHEIRISMO E INTEGRAÇÃO

“O curso de Comunicação Social do IPS é uma longa viagem, recheada de aprendizagem e momentos que nos ficam para a vida”, é assim que Gonçalo Martins, um jovem recentemente licenciado em Comunicação Social pelo Instituto Politécnico de Setúbal define o curso. O fim da licenciatura não representa o fim do percurso, mas sim o começo de novos desafios e oportunidades. “Embora todos desejemos fazer aquilo que gostamos, é importante compreender e gerir expectativas numa fase inicial de procura. Foi o que fiz”, revela, realçando a importância de continuar a aprofundar conhecimentos e a explorar novas áreas, enriquecendo-se tanto a nível pessoal como profissional. Durante os seus três anos de estudo, adquiriu um vasto leque de conhecimentos, desde jornalismo até marketing e vendas. Destaca a diversidade do currículo do curso de Comunicação Social do IPS, que proporcionou uma compreensão abrangente e sólida das diferentes vertentes da comunicação. Para Gonçalo, a formação académica foi essencial na construção das bases do profissional que ele é e será no futuro. Ao recordar com nostalgia os dias passados na Escola Superior de Educação, salienta que a maior lembrança são as pessoas que fazem parte da comunidade educativa, destacando o ambiente positivo e o companheirismo como fundamentais para a sua integração, “a maior lembrança que tenho da ESE são as pessoas que lhe dão vida”. Apesar das incertezas que todo o jovem enfrenta ao entrar no mercado de trabalho, encoraja os estudantes a aventurarem-se em atividades relacionadas com a comunicação durante os seus estudos, enfatizando a importância da experiência e da vontade de aprender para conquistar um lugar no mundo profissional. Atualmente a trabalhar na área de marketing na Sport TV, expressa felicidade por estar a exercer uma profissão que tem uma presença tão significativa na sua vida. Destaca a importância do marketing para qualquer empresa e a constante expansão dessa área na procura por alcançar objetivos como o aumento do número de subscritores. Para aqueles que estão a iniciar o curso de Comunicação Social, deixa uma mensagem de incentivo: “Desfrutem! O curso são três anos recheados de aprendizagem e momentos que nos ficam para a vida”. A jornada de Gonçalo Martins é um exemplo inspirador de como a determinação, o esforço e a paixão pela comunicação podem abrir portas para um futuro promissor.

Jéssica Dias



GONÇALO MARTINS

CONTRA A CORRENTE: UMA ODISSEIA REVERSA NA COMUNICAÇÃO “FOI UM PERCURSO AO CONTRÁRIO”

Paulo Santos, apresenta um percurso invulgar ao passar pelas portas da Escola Superior de Educação na sua formação em Comunicação Social, quase que como algo “ao contrário” como o mesmo afirma. “ Eu começaria por dizer que foi um percurso ao contrário. E isto falando concretamente do diploma. Eu fui um dos primeiros alunos da primeira turma de Comunicação Social na Escola Superior de Educação, no IPS. Portanto, faço parte da primeira fornada, e, curiosamente, logo nos primeiros anos do curso, comecei a trabalhar e ausentei-me. Portanto, fiz todo o percurso profissional ligado à comunicação social, em jornais, em rádio”. Com um brilho no olhar ao falar da escola que foi outrora uma fonte de conhecimento e aprendizagem, reflete a forma como a formação académica contribuiu para o seu percurso até aos dias de hoje. “Foi importantíssimo, porque foi justamente no curso de Comunicação Social, que tive um contacto direto com uma realidade profissional que depois acabou por me “abrir as portas” da profissão. A formação académica foi importantíssima, porque foi ali que eu “cheirei” pela primeira vez, o que era fazer jornalismo e, talvez, terá sido aí que nasceu essa paixão”. De tantas lembranças de uma época que o marcou na sua vida profissional e pessoal, conta que sente um orgulho por ter feito parte do quadro de alunos da ESE. Não esquecendo a arquitetura do edifício como sinal de algo especial, bem como as amizades que fez dentro de um lugar que lhe é tão carinhoso. “Tenho lembranças ótimas da ESE. Sempre tive algum orgulho de estudar num edifício premiado, o edifício do Siza Vieira. E tenho muito boas lembranças, quer dos professores quer dos alunos, alguns deles reencontrei anos depois quando voltei para concluir o curso e obter o diploma. Fiz alguns professores amigos também e passei momentos muito agradáveis”. Apesar de sentir uma gratidão pela profissão, mais concretamente na área do jornalismo, Paulo Santos não deixa de alertar os recém-licenciados de que algo terá de mudar no percurso jornalístico, caso o mesmo queira continuar a sobreviver. “Jornalismo hoje, na minha opinião, está completamente tomado pelos grandes grupos, está completamente controlado por um conjunto de poderes, que não deixam que o jornalismo se desenvolva tal como deveria desenvolver-se”.

Camila Esperto



PAULO SANTOS

“OS TRÊS ANOS MAIS BONITOS QUE EU JÁ TIVE” VIVER À BASE DA EXPERIÊNCIA

No ano de 2020, no meio de uma pandemia global, Carolina Luz, licenciada em Comunicação Social e com mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação (ISCTE), viu-se diante de um desafio inesperado: terminar a licenciatura em circunstâncias completamente diferentes das imaginadas. Apesar de todo este impasse, sendo a mesma do Algarve, sempre sonhou em continuar a sua formação e futuro na área metropolitana de Lisboa, “era uma vontade grande que eu tinha. Era sair de casa e continuar por Lisboa, Setúbal a viver”. A licenciatura proporcionou-lhe experiências práticas e habilidades essenciais, preparando-a para os desafios do mundo profissional, “sinto que a licenciatura foi ótima para agilizar certas formas de trabalho”. Considera que, unidades curriculares como Produção de Texto Jornalístico, ajudam constantemente o trabalho que realiza nos dias de hoje, “foi a oportunidade que eu tive de estar no terreno a fazer trabalho mais prático”. A conexão entre a informação adquirida e o desempenho profissional tornou-se evidente ao longo do tempo. A unidade curricular de Indústrias Culturais e o entendimento do panorama cultural português, forneceram-lhe uma base sólida para a sua atuação na área em que se insere, “todas que sejam a nível cultural contribuíram muito para o que eu depois decidi vir a fazer”. O trabalho atual na Culturgest e como freelancer foi enriquecido pelo conhecimento e sensibilidade cultivados durante a licenciatura, no entanto, a integração no mercado de trabalho não foi isenta de desafios. A pandemia complicou ainda mais a procura de oportunidades, enquanto a exigência por experiência prévia tornou-se um obstáculo para muitos jovens licenciados. Mesmo assim, acredita que enfrentando as adversidades com determinação e flexibilidade não faltarão caminhos abertos. Entre as lembranças mais preciosas da jornada estão as amizades feitas ao longo do caminho. O apoio dos colegas e o vínculo com os professores foram fundamentais para a sua experiência na ESE. Essas relações, construídas com carinho e confiança, continuam a acompanhá-la na trajetória profissional, “acho que isso é incrível, não passar por um sítio sem deixar relações”. E assim, com uma mensagem de otimismo e incentivo, dirige aos novos estudantes de comunicação que “se divirtam muito, espero que consigam fazer boas amizades”. Acrescenta que estes sejam críticos, proativos e perseverantes. Pois, no final, o que importa é o amor pelo que se faz e a vontade de crescer e evoluir a cada desafio enfrentado - “o curso de Comunicação Social foram os três anos mais bonitos que eu já tive”.

Mariana Duarte



CAROLINA LUZ

DO ENTRETENIMENTO À INFORMAÇÃO **“EU ESCREVO O QUE O PIVÔ QUE ESTÁ NO AR DIZ”**

Gabriela Palma, inicia o percurso profissional no seu estágio curricular. “Eu acabei o curso, o estágio fiz na CMTV, como produtora de entretenimento, no programa Manhã CM. Acabei o estágio e passado uma semana ligaram-me da CMTV a perguntar se eu não estaria interessada em ficar lá, só que em vez de produtora de entretenimento, como produtora de informação. Eu aceitei”. A formação académica na ESE permitiu-lhe chegar onde está hoje, afirmando que as áreas do jornalismo foram as mais vantajosas ao cargo que ocupa atualmente. “O que poderá ter ajudado foram as aulas de ensino de jornalismo. Como produtora de informação tenho de escrever muitos pivôs. Ou seja, eu escrevo o que o pivô que está no ar diz. Então de certa forma, foram as cadeiras do jornalismo que mais me ajudaram no trabalho que faço hoje em dia”, afirma Gabriela com um sorriso. Porém, apesar de a área do jornalismo informativo ter sido a sua meta, ao longo do percurso académico Gabriela ressalta que a diversidade de áreas que o curso abrange lhe permitiram expandir os horizontes para outras vertentes. “O curso que nós tirámos está muito bem estruturado por abranger outras áreas. Eu, por exemplo, escolhi relações públicas e publicidade. Depois acabei por ter também jornalismo radiofónico. Então acho que saís dali com uma grande escola para trabalhar na área em que tu te propões a trabalhar”. De lembranças de um tempo que já ficou para trás, Palma recorda com alegria a escola que durante três anos foi a sua segunda casa. “A ESE tem um muito bom ambiente. Os professores são muito atenciosos. Parece que nunca saís do secundário. Não há muita formalidade, acho que existe uma boa relação entre alunos e professores e acho que é isso que marca mais o percurso na ESE”. Às gerações vindouras, o conselho permanece num percurso focado, de olho nas oportunidades que possam surgir, sem nunca desvalorizar nenhuma delas. “Para se manter focado no curso, para se agarrar à primeira oportunidade que apareça porque por muito que às vezes pareça que é uma coisa má, acaba sempre por conseguirmos chegar onde queremos”. Para Gabriela, o curso de Comunicação Social é “boa escola para quem quer seguir a arte da comunicação”.

Camila Esperto



GABRIELA PALMA

“NUNCA ME SENTI DESAMPARADO” AMBIÇÕES DE UM JOVEM JORNALISTA

Para Filipe Carmo, 26 anos, o curso de Comunicação Social define-se numa palavra: “Crescimento”. E se o sentimento é verdadeiro estes anos depois, é porque na ESE-IPS, com os professores e os colegas que o acompanharam ao longo da licenciatura, conseguiu apaixonar-se pela Comunicação - uma estrada que caminha até aos dias de hoje. Entre os corredores da escola, salas de aula e, especialmente, em espaços extracurriculares, o gosto pela área ia-se definindo, levando-o a procurar mais. Foi no “jornal do curso (Jornal Repórter) e no canal de televisão do IPS, na Associação de Estudantes e Conselho Pedagógico”, onde se transformou num jovem com olhos para o futuro. Mas é certo que o “crescimento” que Filipe fala não se construiu apenas através destes elementos. As “horas de almoço”, como lembra, foram igualmente impactantes. Isto porque, enquanto simbolizaram momentos de “partilha e reflexão”, foram nesses convívios entre colegas que se deram as suas “primeiras conversas sobre política, igualdade de género, igualdade de oportunidades, economia, religião, etc.”, tão importantes para a sua formação tanto pessoal como profissional. Também os professores, das mais variadas unidades curriculares, se mantêm presentes na memória de Filipe. “Nunca me senti desamparado” é o que diz quando começa a descrever o corpo docente. Aliás, foi precisamente nessa relação de proximidade onde também cresceu, porque as aprendizagens não se prendem a uma sala, vão “muito para lá do período das aulas”. Foi determinado e com esta experiência em mente que encarou o conjunto de desafios que iriam surgir após a conclusão do curso. Desde o estágio curricular na TVI com o “programa de cinema Cinebox”, passando pela gestão de redes sociais do Sporting Clube de Portugal até à “experiência falhada” no Correio da Manhã, o atual jornalista do Notícias ao Minuto refere que os momentos iniciais de carreira provaram ser determinantes para o êxito que acabou por ter. Aliás, como argumenta, “um bom estágio pode ser essencial para dar o arranque a uma carreira de sucesso, principalmente nesta área da Comunicação Social” - aspeto que diz importante de um jovem recém-licenciado se consciencializar. Se Filipe entrou no curso “com um sonho”, nos dias de hoje tem “outro completamente diferente”. E para muitos que concluem uma licenciatura nesta área, essas transformações poderão ganhar vida à medida que os semestres vão passando, com a exposição a outras unidades curriculares. O que é certo, é que mesmo que “essa possibilidade tenha sido sempre explicada pelos professores” - afinal, “nem todos seríamos apresentadores nem pivôs de telejornal”, Filipe confessa que não se arrepende da escolha que fez, pelo que, nos dias de hoje, é “feliz nesta área” que abraçou.

Daniel Lemos



FILIFE CARMO

“FOI O MELHOR QUE ACONTECEU NA MINHA VIDA” UMA VIAGEM NO TEMPO ENTRE MEMÓRIAS E SENTIMENTOS

De voz entusiasmada Bianca Marques, ao recordar os tempos em que frequentava o curso de Comunicação Social relembra a importância que o curso de Comunicação Social teve na sua atual formação profissional. “Aprendi a fazer o lead, que é a base para qualquer notícia, na Escola Superior de Educação, por isso eu digo que contribuiu muito”. Numa viagem no tempo, a atual jornalista no Jornal Económico, salienta “os bons professores, que foram, sem sombra de dúvida, pessoas que marcaram o meu percurso e que marcam o curso”. Ao recordar as melhores lembranças do curso, destaca “os meus colegas e as aprendizagens”. Para os jovens recém-licenciados, a ex-aluna ressalta algumas dificuldades que podem ser entendidas como obstáculos: “é uma área saturada com muita gente, é difícil encontrar um trabalho na profissão, no mundo do jornalismo”. Ainda na mesma linha de pensamento, a jornalista menciona: “a minha área é desafiante, todos os dias propõem-me novos desafios, mas também é uma área mal remunerada, tem esse aspeto negativo”. Trabalho, é a palavra que Bianca utiliza quando se refere ao exercício de jornalista, uma vez que é uma profissão que exige o acompanhamento da atualidade e os desafios contemporâneos da luta contra o tempo. Num tom assertivo, a jornalista aconselha os estudantes do curso de Comunicação Social e futuros estudantes a persistirem no caminho do sucesso. “Para quem quer entrar no curso, e até mesmo na profissão, eu diria para não desistirem, irem até ao fim, lutem, estudem, tirem formações, mestrado e pós-graduações e nunca, acima de tudo, desistam”. Com as lembranças no coração e na voz, a mensagem da jornalista é evidente. Nas suas recordações, destacam-se a felicidade e o aproveitamento das aprendizagens na atual profissão. Num sentimento de nostalgia, a luta e a perseverança são as palavras utilizadas para definir o percurso. Ir até ao fim, e conquistar o lugar desejado, é essa a ambição. Embora o jornalismo seja a profissão de sonho de Bianca, a verdade é que, ainda existem adversidades, que com empenho e paixão pelo que se faz, tornam-se mais fáceis de solucionar. No seu sucesso profissional, todas as experiências proporcionadas pelo curso, bem como pela escola, contribuíram para a conquista diária. Da construção do lead à velocidade do tempo, ergue-se uma jornalista de êxito na área económica. “Foi o melhor que aconteceu na minha vida”, refere.

Joana Gomes



BIANCA MARQUES

AS MÚLTIPLAS FACETAS DA COMUNICAÇÃO ENTRE OS BASTIDORES E OS PALCOS

Dos corredores da Escola Superior de Educação aos programas de televisão, o caminho percorrido por Ana Rita Madaleno, conhecida no mundo da comunicação como Rita Listing, é marcado por uma determinação e versatilidade admiráveis. Atual produtora do programa Curto-Circuito na SIC Radical, Ana Rita recorda com carinho o seu percurso profissional e os diversos desafios que já enfrentou. Desde os dias de incerteza após o término do estágio, à reviravolta emocionante quando recebeu a oportunidade de se juntar à equipa do Curto-Circuito, momento que marcou o início de uma jornada de oito anos na televisão portuguesa, “eu procurei estágio por mim própria, consegui e fui estagiar para o Curto-Circuito da SIC Radical. Na avaliação final de estágio, o orientador tinha aquela pergunta crucial: ‘o estagiário fica a trabalhar na entidade que o acolheu? sim ou não? cruzinha’ e a resposta foi não. Mas depois, no início de setembro, ligaram-me para eu ir trabalhar para o Curto Circuito. Comecei a trabalhar e fiquei toda contente, porque de repente já tinha perdido a esperança”. Desde então, Rita Listing tem vindo a desempenhar uma panóplia de papéis na indústria da comunicação, desde assistente de produção a produtora e, ocasionalmente, apresentadora. O trabalho árduo levou-a a colaborar noutros programas, incluindo o Irritações, também da SIC Radical e, mais recentemente, o 5 Para a Meia-Noite, da RTP. Para Ana Rita Madaleno, a versatilidade vai para além dos bastidores e dos palcos da televisão: mergulhando em projetos de gestão de redes sociais, apresentação de eventos, realização de um podcast, locução para publicidade e, até mesmo, dobragem de vozes para séries infantis, a produtora do Curto-Circuito realça o gosto pelo seu trabalho, “faz-se tudo muito bem, gosto muito daquilo que faço”. Para além das conquistas profissionais, Rita Listing valoriza, com saudade, as lições aprendidas durante o seu percurso académico na ESE. Amizades duradouras, momentos nostálgicos e os ensinamentos dos professores ecoam nas suas memórias, “é aquele clichê que toda a gente diz ‘os tempos da faculdade são amigos que se fazem para a vida’, vou recordar muitas vezes Ana Maria Pessoa, que disse coisas que me marcaram, o próprio Ricardo Nunes, também me lembro de algumas coisas que ele disse aqui e ali e que uma pessoa se lembra”. Para aqueles que no futuro venham a integrar esta casa, Madaleno salienta a importância de deixarem uma marca, tal como a mesma deixou, “acima de tudo é tentarem aprender ao máximo e tentarem mudar alguma coisa”.

Marta Soares



RITA LISTING

A PONTE ENTRE O JORNALISMO E AS REDES SOCIAIS “FOI O INÍCIO DE UMA BELA HISTÓRIA DE AMOR”

No coração do Global Media Group, onde as notícias ganham vida e os debates ascendem, encontra-se Vanessa Almeida Neves, cujo percurso profissional é tão dinâmico quanto as redes sociais que a mesma gere. A atual Social Media Manager, relembra, com um sorriso caloroso, os tempos académicos, e, a sua difícil, mas emocionante trajetória. “Nem sempre foi fácil, mas nunca desistir de procurar foi a chave”, confessa enquanto reflete sobre os seus primeiros passos. De estágios não remunerados ao setor do retalho, o caminho percorrido pela ex-aluna sempre esteve entrelaçado com o jornalismo e com a gestão de redes sociais, “quando tirei o curso, ainda não se falava muito sobre gestão de redes sociais, depois do primeiro contacto com esta área não larguei mais. Está em constante mudança, o que torna o trabalho desafiante”. A formação académica, destaca Vanessa, foi a base essencial para o seu sucesso, “deu-me as ferramentas necessárias para começar”. Na sua experiência, a parte prática do curso de Comunicação Social foi fundamental, “foi muito importante ter disciplinas que me permitiram ir para o terreno fotografar, procurar histórias e escrever sobre elas. Os professores com contacto direto na área também foram uma grande vantagem”. No que concerne às dificuldades da integração profissional, Vanessa não hesita em apontar a competitividade e a instabilidade do mercado como os principais obstáculos da área da comunicação, “é uma área muito competitiva, onde há muita procura e pouca oferta. Muita precariedade laboral”. No entanto, a Social Media Manager do Global Media Group, revela paixão e gratidão pela sua área profissional, “quando me licenciiei, não imaginava que ia trabalhar em redes sociais. Ainda não era uma realidade presente na altura, mas adoro aquilo que faço. É muito desafiante”. Numa viagem pelas memórias do seu tempo na Escola Superior de Educação, Vanessa, relembra, com carinho, as amizades cultivadas durante os 3 anos de curso e as aulas de fotografia, área esta que, até hoje, a fascina. “As amizades que ainda hoje guardo comigo. As aulas de fotografia também foram algo muito marcante para mim. É algo que me apaixonou”. Para quem iniciou agora a complicada, mas bonita caminhada de 3 anos, e, para aqueles, que, no futuro venham a integrar a licenciatura de Comunicação Social, Vanessa Neves salienta a importância de “começar desde já a procurar estágios e a ter contacto com a realidade do mercado de trabalho”. Para a ex-aluna, o curso de Comunicação Social foi mais do que uma simples formação académica: “foi o início de uma bela história de amor” com a comunicação, que acabou por se tornar numa jornada marcada por desafios, aprendizagens e uma grande paixão.

Marta Soares



VANESSA ALMEIDA NEVES

APESAR DE NÃO IR PARA ONDE INICIALMENTE QUERIA FOI NA SEGUNDA OPÇÃO QUE CONSEGUIU SEGUIR A SUA PAIXÃO

Tinha vontade de ir para Animação Sociocultural, mas foi em Comunicação Social onde acabou por entrar, não se arrependendo até hoje. É assim que começa a história de Jorge Martins que, ao mesmo tempo que conciliava o seu trabalho como operacional, na Associação de Municípios da Região de Setúbal, estudou em Comunicação Social, demorando mais tempo a concluir o curso, uma vez que ia fazendo algumas Unidades Curriculares por semestre. Após concluí-lo, conseguiu progredir na carreira, passando a ser técnico-profissional na área da comunicação, na mesma empresa onde já trabalha, desde 2006. Assim, admite que “ter o curso não significou ter um trabalho novo, porque já estava na empresa onde está hoje, mas sim subir a um patamar mais elevado”. Inicialmente, Jorge Martins “queria algo mais virado para a animação sociocultural”, por já estar familiarizado com a questão da produção de eventos onde trabalhava, ambicionando seguir essa área profissionalmente, inscrevendo-se, então, em Animação Sociocultural e Comunicação Social, acabando por entrar na segunda opção. Contudo, ficou feliz, pois viu-a como algo mais transversal em relação ao que queria fazer futuramente. “Por esse motivo, o curso ajudou e preparou-me melhor para fazer o que faço hoje, do que se tivesse ido para outro. Além disso, pude continuar a fazer aquilo de que gosto e subi na carreira”. Recuando à época onde era estudante de comunicação, Jorge recorda o particular gosto pelas áreas do curso relacionadas com a imagem, por ser “algo no qual já tinha algum conhecimento”, destacando os trabalhos onde realizou reportagens e documentários em vídeo. Dentro deste mundo de filmagens, relembra um episódio que, para si, é das melhores lembranças que tem, onde, em conjunto com outros amigos, recriou cenas do filme “Kill Bill”, considerando ter sido muito divertido. Não esquecendo as dificuldades que podem sentir-se após terminar uma licenciatura, salienta a vontade de, por vezes, se querer fazer alguma coisa, mas não ter os meios para isso, bem como “o de conseguir arranjar o que fazer que seja interessante e dê estabilidade profissional, principalmente no mundo da Comunicação Social”. Desta forma, aconselha os jovens recém-licenciados a aproveitarem o curso ao máximo, “pois permite fazer várias coisas” e que, desse modo, “devem experimentar coisas novas, para ganharem conhecimento e fazerem o que gostam”. Jorge Martins termina ao dizer que o curso “dá instrumentos para, de forma mais transversal, explicar o mundo às pessoas”.

Diogo Pais



JORGE MARTINS

RUMO À CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO

“VIVAM ESSES ANOS COM INTENSIDADE E DISPONIBILIDADE”

Carina Verdasca, licenciada em Comunicação Social e com mestrado em Publicidade e Marketing, relata que a sua jornada começou com a obtenção do diploma na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal (ESE/IPS). De lá, a mesma embarcou numa emocionante aventura no mundo da comunicação, na qual começou a trabalhar na companhia de Teatro Municipal Joaquim Benite, localizada em Almada. Esse primeiro passo levou a mergulhar profundamente no universo da cultura, na qual a paixão pela comunicação floresceu ainda mais. "Além de me fornecer as competências técnicas, despertou o meu interesse pela área cultural e expandiu consideravelmente os meus horizontes de pensamento e visão sobre a vida e o mundo", compartilha Carina, refletindo sobre a formação académica. "Esta combinação de conhecimentos técnicos e uma perspetiva mais ampla permitiu-me abordar os desafios profissionais de forma mais criativa e inovadora, contribuindo para o meu crescimento e adaptação no mercado de trabalho." A caminhada de Carina foi marcada por momentos de desafios e superação. A transição para o mercado de trabalho trouxe consigo a necessidade de se adaptar a novos ambientes e aprender a aplicar conhecimentos de forma prática. No entanto, cada obstáculo foi uma oportunidade de crescimento, fortalecimento, determinação e resiliência. "A principal dificuldade foi lidar com a inexistência de experiência prática no mercado de trabalho", admite. "Tive que desenvolver competências adicionais e adquirir conhecimentos específicos para desempenhar eficazmente as minhas funções". Ao olhar para trás, no percurso dentro da ESE/IPS, Carina destaca não apenas os aspetos académicos, mas também as ligações humanas que tornaram esta experiência verdadeiramente especial. Os colegas de curso e os professores tornaram-se não apenas companheiros de viagem, mas também fontes de inspiração e apoio. "As melhores lembranças que tenho da ESE e do curso são as pessoas que tive a oportunidade de conhecer", refere. "Cada um contribuiu de forma única para a minha experiência académica". Para aqueles que estão prestes a embarcar na trajetória da Comunicação Social, Carina deixa uma mensagem poderosa e reflexiva: "Deixo o conselho de aproveitarem a experiência académica ao máximo. Os anos de curso passam rapidamente e deixam saudades pelo conhecimento adquirido e relações que se estabelecem. Portanto, vivam esses anos com intensidade e disponibilidade."

Mariana Duarte



CARINA VERDASCA

ENTRE A ESE E O PORTO DE SETÚBAL NA EXPECTATIVA DE UM “FUTURO PROMISSOR”

Para Maria João Amaro Bacalhau, 50 anos, licenciar-se em Comunicação Social simbolizou mais uma aventura. Isto porque, com um “Bacharel em Comunicação e Jornalismo, mãe e trabalhando na área da Comunicação no Porto de Setúbal”, ser flexível a vários mundos não foi fácil. Mas também não foi impossível. O apoio dos colegas que lhe “acarinham assim que cai de paraquedas na turma” aliviou toda aquela experiência académica. Mesmo assim, colocando de parte estes amigos “incansáveis”, as melhores lembranças dos tempos do curso estão, após estes anos todos, associadas a alguns professores. Nomes como “Ricardo Nunes, Ana Maria Pessoa, Alberico Afonso, Joana Brocardo e Fernando Casaca” foram essenciais ao longo da sua jornada académica porque, mesmo quando “pensava em desistir”, aquelas pessoas “fizeram-se presentes, empurraram-me e acompanharam-me com carinho e perseverança” até à reta final. Ao recordar momentos da sua experiência conta que, durante a entrega do relatório de estágio, saiu das instalações “lavada em lágrimas”, pensando o que seria do seu futuro daí em diante. O que é certo é que não precisou de pensar muito. Começando logo a trabalhar na área que lhe continua a dar gozo, Maria diz que é “uma das sortudas”. E atualmente, sendo a chefe do Departamento de Comunicação e Relações Exteriores dos Portos de Setúbal e Sesimbra, tem mais “confiança e segurança para o desempenho de qualquer tarefa, ou para a concretização de qualquer desafio” graças à passagem por Comunicação Social na ESE-IPS. Tudo isto, e mais, considerando que trabalha numa equipa de três pessoas e tendo em conta, não só a “abrangência”, como o carácter “internacional” das responsabilidades que se encarrega. Para aqueles que começam a sua jornada no mundo da Comunicação, é essencial saber enfrentar estas e mais nuances que definem a área. Em Setúbal, num curso “definido por interdisciplinaridade” e com um “misto muito bom de teoria de prática”, existem essas aprendizagens. Isto porque, como argumenta Maria, um dos maiores desafios que se apresenta atualmente aos jovens recém-licenciados, é mesmo o “mercado de trabalho saturado com mão de obra não especializada, cujos ordenados são baixos”, o que só valoriza o trabalho que também acontece fora do âmbito académico. À margem das responsabilidades impostas a estes jovens, ser “versátil, curioso, empenhado e com espírito de equipa” são algumas das qualidades que o setor profissional procura naqueles que queiram trabalhar em comunicação, desde a empresarial à social, relações-públicas a marketing, na chance de construírem um “futuro promissor”.

Daniel Lemos



MARIA JOÃO BACALHAU

DE COMUNICADOR A HISTORIADOR

“NÃO HÁ OUTRA PREPARAÇÃO COMO A DE COMUNICAÇÃO SOCIAL”

Pedro Fernandes licenciou-se em 2011 e realizou, depois, o mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais. Também se inscreveu no curso de Direito, no entanto acabou por suspendê-lo para se dedicar ao Doutoramento em História Contemporânea, que está a concluir. Atualmente é colaborador editorial do Jornal dos Clássicos e trabalha na direção da associação LASA (Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão), enquanto dá seguimento a um projeto próprio que nasceu enquanto ainda frequentava a ESE, realizando também trabalhos como Investigador. Afirma que quando concluir os estudos “gostaria de continuar a fazer investigação e talvez, um dia, docência, se conseguir lá chegar”. Admite que a Licenciatura em Comunicação Social foi o que o encaminhou para a área da história, destacando a influência do professor Albérico Afonso. “As pessoas que passam por Comunicação Social e Jornalismo têm uma perspetiva muito mais alargada, acredito que não há outra preparação como a de Comunicação Social”, destaca que são áreas que cultivam a curiosidade e sublinha a exigência deste curso “foi uma vantagem, mas na altura não parecia e eu assumo que não pareça vantagem a nenhum estudante... Foi um aspeto muito positivo que nos colocassem um alto nível de exigência e de excelência para o trabalho que fazemos”. Ressalta que a preparação que teve no curso de Comunicação Social foi fulcral para si enquanto pessoa, para o seu trabalho e que ajudou a desenvolver a sua atitude interventiva - “qualquer crítica ao nosso trabalho, penso que somos nós, de comunicação, os primeiros a colocar”. Em relação às lembranças da escola e do curso, afirma que fez “amigos para a vida toda” e que sente muita falta do ambiente aqui da ESE, seja pela localização e também pelo contacto com os professores, ao que elogia a proximidade que a escola oferece entre os docentes e os alunos. Sente que ainda existe um leve preconceito em relação aos estudantes do Ensino Politécnico “muitas vezes, principalmente na Academia, ainda há pessoas que nos olham com um pouquinho de desconfiança”, mas sublinha a qualidade de um ensino mais prático e direto. “Em qualquer meio falam sempre muito bem desta instituição, dos profissionais e dos alunos, que vão sempre bem preparados”, elogia a reputação da Escola e do Politécnico de Setúbal, que é benéfica para a vida profissional de quem daqui sai. “A vossa carreira profissional deve começar no momento em que entram na ESE”, deixa de conselho aos atuais estudantes, reforçando a necessidade de se afirmarem na área profissional com atividades fora do curso. Em apenas uma frase, define o curso de Comunicação Social como “desafiante e de extrema importância”.

Cátia Duarte



PEDRO FERNANDES

“A CADA PASSO, A CADA NOTÍCIA, A CADA REPORTAGEM” A FORMAÇÃO ACADÉMICA ENQUANTO PROFISSIONAL

Ainda antes de entrar no curso, Gualter Ribeiro, 61 anos, já respirava comunicação. Desde a década de 90 que já exercia funções como jornalista da Agência Lusa em Setúbal. Ainda assim e apesar de já se encontrar na profissão o curso acrescentou mais valias, para além de ajudar na capacidade de sistematização do pensamento, na capacidade de avaliação e enquadramento dos factos a que se propõem relatar enquanto mediadores da comunicação, “ajuda-nos a sermos mais competentes no nosso trabalho” afirma. Para Gualter a formação académica é importante para um bom desempenho do emprego, ainda assim e não obstante a aprendizagem que se vai realizando no exercício do ofício, a “tarimba”, é tão essencial e indispensável para a boa formação do jornalista e do bom desempenho profissional. Algo que marcou Gualter foi a elaboração de trabalhos e a partilha de conhecimentos adquiridos através das atividades letivas com os restantes colegas de turma que eram “quase todos muito jovens”. Como “já trabalhava na altura e já tinha muitos anos de experiência profissional”, não sentiu dificuldades de integração no serviço e mesmo quando iniciou a atividade jornalística na antiga Rádio Azul, em 1987, “sempre fui bem acolhido pelos profissionais desses órgãos de comunicação social e nunca senti verdadeiras dificuldades de integração” diz Gualter Ribeiro. Considera ainda que humildade e vontade de querer sempre aprender mais com os jornalistas mais experientes, foram aspetos que facilitaram a sua integração. Para Gualter são cada vez mais os desafios para jovens jornalistas, porque apesar de Portugal ser um país com muitos órgãos de comunicação social, “muitos deles não cumprem as regras mínimas de decência no exercício da profissão, muito menos pagam salários justos” e por isso o principal desafio de um recém-licenciado é encontrar um meio de comunicação social credível onde “a cada passo, a cada notícia, a cada reportagem” podem construir o seu nome e imagem no mercado de trabalho. Para quem entrou para o curso de Comunicação Social, Gualter Ribeiro refere que o mundo da comunicação social é cada vez mais importante e igualmente cada vez mais desprezado por uma grande parte do público “que não percebe a importância da mediação jornalística”, cabendo por isso aos jornalistas, novos e antigos, demonstrar a importância do seu ofício e afirmar-se através da credibilidade e qualidade do trabalho para que “o trabalho jornalístico seja, efetivamente, mais reconhecido pelo grande público.”

Duarte Pereira



GUALTER RIBEIRO

A MUDANÇA DE SONHO METAMORFOSE DAS EXPECTATIVAS

Raquel Gradim, 39 anos, tinha o sonho de ser jornalista, especificamente, de guerra. Por isso, decidiu ingressar no curso de comunicação social, mas quando chegou a altura de seguir para estágio, as opções não eram do seu agrado, assim, “procurei o meu próprio estágio”. Entrou na redação do Boa Cama Boa Mesa – Expresso, onde fez gestão de conteúdos online e um jornalismo de turismo e lazer que, apesar de ser bastante diferente do que ambicionava quando entrou no curso, poderia fazer Raquel se “apaixonar ainda mais pela profissão que havia escolhido”. A estadia na redação durou 6 meses, tempo esse “de muita aprendizagem e crescimento”, que lhe permitiram ter uma perspetiva da profissão em Portugal e que fizeram com que mudasse o seu “rumo e ambição”. Deixando para trás o mundo do jornalismo, partiu para a comunicação empresarial, passou por vários cargos, até chegar à função que ocupa nos dias de hoje como consultora de marketing numa das maiores e mais conhecidas agências de Marketing digital do país, a Fullsix Portugal. Para Raquel, a formação académica é bastante importante para o sucesso no ofício, “conseguimos desenvolver aptidões técnicas e analíticas fundamentais para o desempenho da nossa profissão, adquirindo conhecimentos especializados e específicos para as áreas que nos propomos a ingressar”. A componente prática que o curso oferece é, para Raquel Gradim, uma mais-valia do plano curricular, “unindo todos os membros da turma numa tarefa que a tudo se assemelha à realidade dos dias da profissão”, algo que permitiu que não tivesse dificuldades de integração no mundo profissional. As memórias que mantém da ESE e do curso são principalmente as pessoas, “quando estamos rodeados de pessoas boas e competentes cresce em nós a capacidade de sermos melhores e crescermos cada vez mais”. Raquel afirma que as próximas gerações têm de estar preparadas para ultrapassar um período mais complicado com várias dificuldades, “precariedade, baixos salários e a falta de oportunidades”. Para quem entrou recentemente no curso de Comunicação Social, deixa a mensagem para que não se fiquem pela formação académica, “trabalhem muito, se tiverem oportunidade experimentem as mais diversas áreas de formação, façam Erasmus, conheçam pessoas que estão no meio e experimentem por vocês todas as ferramentas que vão fazer parte do vosso dia-a-dia no decorrer da vossa vida profissional”.

Duarte Pereira



RAQUEL GRADIM

O CONHECIMENTO E O AMOR PELO OFÍCIO DE MÃOS DADAS

“NENHUM DE NÓS SABE TUDO E POR ISSO VOU APRENDENDO COM O TEMPO”

De pessoas para pessoas. “Queria ser hospedeira de bordo e viajar”, atualmente a viagem de Filipa Fiães Gordo, 38 anos, é por terra. Natural da Costa de Caparica, onde “vivi toda a minha vida, apesar de ter-me mudado, regressei”, menciona. Trabalha no departamento de Educação e Mediação do Museu da Arte Contemporânea / Centro Cultural de Belém, mas nem sempre foi assim. Filipa, ingressou na Escola Superior de Educação, no curso de Comunicação Social em 2003 e terminou o seu percurso académico no Instituto Politécnico de Setúbal, em 2008. “Tenho a sorte de dizer que toda a minha trajetória foi na área em que me formei”, expressa com os olhos brilhantes, ciente da oportunidade que teve. No ramo comunicacional realizou assessoria de imprensa durante um ano, todavia “descobri que não era o que queria fazer”, expressa de sorriso cheio. “Faço a gestão das exposições, gosto muito do que faço”, menciona apaixonada pela profissão que a acolheu de braços abertos. Gordo, carrega às costas uma responsabilidade, “há um contributo social e que para mim é o mais importante, trabalho junto das comunidades, ser inclusiva e ter um museu aberto” vertentes pelas quais luta todos os dias, relata com a voz calorosa. Foi durante o terceiro ano de licenciatura que a diplomada escolheu a vertente que hoje segue profissionalmente, a comunicação cultural, foi nesta etapa que “encontrei um caminho, começou tudo a fazer mais sentido, criou-se um sentimento de pertença”, exprime que ao contrário de muitos dos colegas de turma, “não queria o jornalismo, gosto da comunicação na sua ciência, mas, na prática não era uma evidência”, traça com os seus objetivos já estruturados. Decorridos 20 anos, recorda que “parece outra vida, lembro-me de ver as estações a passar pelo átrio da cafetaria, e tudo passou muito rápido”, saudosa ao relembrar tempos que já foram e não voltam. A ESE permitiu a Filipa Gordo criar “amizades que levo para a vida, que contribuíram para a pessoa que hoje sou, levo da instituição a humanização, não podia ficar de parte”, [arrepios]. “Se hoje me dissessem que no fim do curso eu ia trabalhar para um museu, eu ficaria surpresa”, hoje, já se colhem maçãs saborosas da árvore de fruto. Como conselho para os jovens estudantes de comunicação social, declara que “estabelecer objetivos e sair da nossa zona de conforto”, são meio caminho para o sucesso. “Uma manta de retalhos, multifacetado” assim é apelidado o curso pelas palavras de Filipa. Cada um pode traçar o seu destino, ainda assim, “nenhum de nós sabe tudo e por isso vou aprendendo com o tempo”, [sorri].

Leonardo Alexandre



FILIPA GORDO

POR DE TRÁS DAS CÂMERAS: DESAFIOS NO PLANEAMENTO TELEVISIVO A COMUNICAÇÃO COMO ESTRATÉGIA NO MUNDO DO DESPORTO

No coração da Benfica TV, Soraia Alibhai desempenha um papel fundamental como subcoordenadora da grelha do canal do Sport Lisboa e Benfica. Com 17 anos de dedicação à instituição, Soraia Alibhai partilha a sua trajetória desde os dias iniciais até se tornar uma peça essencial na engrenagem televisiva do clube, onde o convite para trabalhar surgiu por acaso, contrariando os seus planos iniciais de uma carreira no estrangeiro, “embora tivesse estagiado em Bruxelas, deixando sempre essa porta aberta, preferi regressar a Portugal”. Licenciada em Comunicação Social, “começa a sua jornada no Benfica de uma forma inesperada”. Graças às suas habilidades excepcionais, foi repescada para a grelha, um papel de bastidores crucial na televisão, onde se programa tudo o que entra no canal. O seu percurso na Benfica TV teve início nos meandros do estádio e museu, onde as visitas guiadas atraíram a sua atenção para o poder da comunicação. A formação académica desempenhou um papel crucial na definição da sua identidade profissional, inicialmente interessada no jornalismo, Soraia descobriu paixão pela comunicação cultural, uma área mais abrangente. Destaca “a importância de permanecer aberta a novas experiências e de adaptar-se constantemente, num mercado de trabalho cada vez mais exigente”. Ao recordar os dias da vida académica, Soraia enfatiza a importância dos amigos e das amizades duradouras que construiu. Analisa esse período como uma fase de aprendizagem, onde começou a enxergar a televisão, as notícias e os jornais de uma maneira completamente nova, compreendendo como as coisas são produzidas e recebidas pelo público. Enfatiza que a resiliência e a proatividade são cruciais no mercado de trabalho atual, e diz que se deve logo pôr em prática no curso pois “a pessoa que se forma na universidade é aquela que é no mercado de trabalho”. A Comunicação Social, conforme destaca, adapta-se à audiência, seguindo os temas que estão em voga. Compartilha a sua visão sobre a Comunicação Social, descrevendo-a como sendo “a minha vida e fonte de grande felicidade”. Enfrentando os desafios iniciais do mercado de trabalho, sublinha “a necessidade de paciência e compromisso para atingir o sucesso”. Soraia personifica a paixão pela comunicação no seio do Sport Lisboa e Benfica, contribuindo diariamente para a riqueza do conteúdo televisivo do clube. Com uma carreira marcada pela versatilidade e resiliência, representa um exemplo inspirador para os jovens profissionais que procuram fazer história no campo da comunicação.

Bruno Marques



SORAIA ALIBHAI

CULTURAL(MENTE) ESPETÁCULO

“AS BASES QUE ME PERMITEM VOAR”

Quem faz o que ama nunca terá de trabalhar e isso é o que acontece com Liliana Soares Pádua. “A minha profissão atual está intimamente ligada à comunicação de espetáculos”, afirma com orgulho. Há uns anos decidiu arriscar e dar outro rosto à comunicação cultural, desta vez como empreendedora. “Em 2019 criei o meu próprio negócio na área da cultura, que passa por desenvolver a comunicação de cada projecto que trabalho”, conta num tom vaidoso. Na mesma frequência acrescenta que tem vindo a colaborar “com os mais prestigiados festivais e concertos do país”. Ingressou no ensino superior no ano de 2001, em Comunicação Social, sendo um ano de metamorfoses, dada a Queda das Torres Gémeas. Ainda assim, esta temática trouxe abertura a várias conversas e boas lembranças, “foram muitos os conceitos e temas mediáticos abordados e que tivemos oportunidade de questionar e refletir”, menciona. Para além disto, Liliana realça a importância da “proximidade entre os alunos e professores”, afirmando a inexistência do típico ambiente elitista, associado ao mundo académico. Relativamente às aprendizagens, apenas tem elogios a fazer à Escola Superior de Educação, “a formação académica que tive contribuiu para me ajudar a perceber qual seria o caminho a percorrer”, salienta. A estrutura curricular oferecida promove “bases que me permitem fazer o meu caminho profissional e voar”, acrescenta. A empreendedora realça “também a importância da parte prática nos últimos três anos do curso, que nos prepara para o mercado de trabalho”. Os estágios curriculares que desempenhou, ajudaram a enfrentar as dificuldades do universo laboral. “Os alunos da ESE estão muito bem preparados para os desafios que se avizinham quando chegar a altura da entrada no mundo profissional”, assegura com vigor. Contudo, apesar do bom sucesso curricular, aquilo que mais a marcou ao longo dos cinco anos de estudo foram os docentes da ESE, “pude ter contacto com professores especializados que ainda hoje são uma referência para mim”. A jovem admite que agora a entrada nesta área é mais fácil, “os eventos são fulcrais na economia, geram uma receita anual brutal e a necessidade de profissionais também aumentou”. Felizmente, a comunicação cultural “é uma área que cada vez mais procura profissionais qualificados, dinâmicos e proactivos. Portugal é dos melhores países a organizar e a produzir grandes eventos”, refere entusiasmada.

Maria Leonor Bártolo



LILIANA SOARES PÁDUA

DA ESE PARA OS OUVIDOS DO MUNDO
“FOI A BASE PARA O MEU DESEMPENHO PROFISSIONAL”

Do Olho de Lince, [jornal clandestino da ESE], às Manhãs da Comercial. André Zegre Penim, atual Produtor de conteúdo em Rádio e Televisão, rememora a formação acadêmica de um jovem nos anos 2000, enfatizando o papel crucial da ESE e o seu contributo para um futuro promissor. [Num timbre vigoroso, mas, ao mesmo tempo, meigo] “A minha formação académica foi fundamental para o meu percurso profissional. Deu-me ferramentas para entrar no mercado de trabalho e construir o meu caminho”, expressa com afinco. Explica, ainda, em tom de gratidão, que “a formação obtida na ESE foi a base para o meu desempenho profissional”. A Escola Superior de Educação, sobretudo a Licenciatura em Comunicação Social, formam alunos para as diversas áreas deste campo, o que os impulsiona para novos rumos. A ESE une o sonho e a realidade através dos estágios profissionais que são “fundamentais para perceber aquilo que queria e não queria fazer”, ressalta. Durante uma viagem ao baú das memórias, André revela que a sua melhor lembrança da licenciatura são os tempos de labor no Olho de Lince, “publicávamos a nossa visão da ESE, com a irreverência característica daquela idade. Todos assinávamos com nomes de venenos e mantivemos a nossa identidade em segredo durante largos meses” [sorri]. André Penim expressou satisfação ao relatar, que as melhores recordações da ESE são as disciplinas de tronco comum, “aproximaram os alunos de todos os cursos”. Apesar de sonhar com a comunicação e mesmo com os fundamentos curriculares da ESE, afirma, entristecido, que “a entrada no mercado de trabalho tende a ser uma fase conturbada. Muitas vezes, as expetativas saem goradas e a frustração pode sobrepor-se a tudo o resto”. Contudo, destaca a relevância do foco e da crença em nós, apesar das relutâncias que este mundo pode apresentar. Para os estudantes e aqueles que poderão entrar nesta casa, Zegre deixa uma mensagem de apoio e um conselho para os mesmos. “Nunca procurem o caminho mais rápido. Demorem o vosso tempo, caminhem ao vosso ritmo, tenham orgulho no vosso trabalho”. Nostálgico dos tempos de juventude e rebeldia, Penim diz que Comunicação Social é o pilar principal e estrutura do nosso percurso profissional. Comunicação Social é “uma etapa essencial. Onde tudo começa”.

Maria Leonor Bártolo



ANDRÉ ZEGRE PENIM

INSISTE, PERSISTE E NÃO DESISTE OÁSIS JORNALÍSTICO DE UM COMUNICADOR

O mundo das maravilhas, o universo da comunicação. Assim se traduz um pedaço da vida de Emídio Nóbrega Simões, 59 anos, nascido em Moçambique e residente em Aires, Palmela. Atual técnico superior no Serviço de Informação da Divisão da Comunicação e Imagem, na Câmara Municipal de Setúbal, detém um percurso na área jornalística que não deve ser esquecido. Trabalhou na LUSA- Agência de Notícias de Portugal onde permaneceu até 2012, “quando comecei a licenciatura, em 1999, já exercia funções de editor-adjunto de Desporto, tendo em 2006 passado a ser editor de Desporto e, em janeiro de 2012, editor dos piquetes da manhã e da noite”, revela. O gosto de Emídio pela área jornalística detida, levam-no a abraçar funções como a de “diretor de comunicação do Vitória Futebol Clube (2017/2018) e do Casa Pia Atlético Clube (2019/2020)”, expressa através do seu “bichinho desportivo”. Durante a sua licenciatura no curso de Comunicação Social no Instituto Politécnico de Setúbal, que finalizou em 2004, menciona que a sua formação académica serviu-lhe “para compreender melhor algumas das realidades percebidas e vividas e justificar de forma mais consistente algumas decisões”, competências que já havia adquirido, dada a sua pegada jornalística que já era de um “sénior com larga experiência”, demonstra. “Quando surgiu a oportunidade de concorrer aos quadros da Câmara Municipal, a licenciatura foi determinante, uma vez que o concurso se destinava a admitir técnicos superiores, exigindo aquele grau académico”, explica. Das lembranças de uma memória intelectual já vivida, destaca na ESE, os “amigos para a vida e como ali se prova ser possível haver uma relação de proximidade, entre professores e alunos, numa lógica de transmissão de informação e conhecimento”. Entre os desafios do curso para um recém-licenciado em Comunicação Social denota que, o principal desafio é “encontrar um posto de trabalho que lhe ofereça as condições mínimas de trabalho, com segurança e remuneração condigna e assegurar que a sua prática profissional decorre sempre conforme os princípios do Código Deontológico dos Jornalistas”. “De 1989, quando entrei para a profissão, para hoje, o jornalismo sofreu grandes alterações em Portugal”, por isso, realça aos que querem entrar na profissão que “ludem sempre, pelos princípios do Código Deontológico”. Para Emídio, o curso de Comunicação Social, é “indispensável, no entanto, o esforço de melhoria deve ser diário e não esquecer que um bom jornalista se faz de memória, capacidade crítica, bom conhecimento da sociedade e muita cultura geral”, manifesta.

Leonardo Alexandre



EMÍDIO NÓBREGA SIMÕES

“OS ESTEFANILHOS, AINDA LÁ ANDAM?” ONDE A LEMBRANÇA E A GRATIDÃO SE ENVOLVEM

Vida e educação. Crescimento e Conhecimento. Coração Setubalense. É centrada nestas palavras que se formou a jornalista Marta Pacheco, licenciada em 2003. Inserida no mundo radiofónico pela RTP Antena 1, afirma que foi devido à Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Setúbal, que cumpriu os seus sonhos, “permitiu-me trabalhar no que gosto”. “Existe muito esta expectativa de Lisboa”, explica Pacheco, perante a sua experiência aquando concorreu para o ensino superior, em 1998. Com boas médias, refere que tinha capacidades para prosseguir os estudos na capital, ideia que até lhe foi sugerida, devido à conceção existente de métodos pedagógicos exemplares, mas preferiu ficar em “casa”, “não me arrependo nada”. As atividades práticas fornecidas pelo curso de Comunicação Social foram, para Marta, uma mais-valia para a sua formação académica e, posteriormente, para a sua atividade profissional, devido à carga de conhecimentos fornecidos, necessários para se evidenciar no mercado de trabalho. A entrada no mundo profissional é considerado pela jornalista uma das possíveis entraves para com os futuros licenciados, “é triste perceber que ainda hoje isto acontece”. “Para além do saber, é preciso procurar conhecer ainda mais”, desenvolve a jornalista, reforçando a necessidade do licenciado adquirir um sentido de constante aprendizagem, de modo a demonstrar constituir-se um profissional determinado e inserido nos conhecimentos aplicados à área, de maneira a destacar-se, garantindo o seu lugar diariamente, “é uma afirmação constante”. Com mais de vinte anos na estação presente, a jornalista afirma que tem realizado diversas tarefas, descartando a possibilidade do tempo se entrelaçar com a monotonia, fomentando o seu conhecimento e o seu despertar para a área. “Superou as expectativas”, refere, radiante, perante uma concretização satisfatória do seu percurso profissional, onde o interesse pela rádio adquire formato no seu percurso académico e é destacado, mais tarde, com o auxílio do estágio curricular que realizou na RTP. Descontraída, Marta recorda os melhores momentos vividos nas paredes lisas que formam a Escola Superior de Educação. Transbordando elogios, afirma que as amizades feitas e a proximidade perante os professores, bem como das outras escolas, são as lembranças que, por mais anos que passem, guarda com carinho. Porém, realça, bem-disposta, de não esquecer do único aspeto que não estimou, sendo, até aos dias de hoje, uma forte presença no Instituto, “os estefaninhos, ainda lá andam?”.

Diana Baptista



MARTA PACHECO

“UMA FERRAMENTA PARA A VIDA” APRENDIZAGENS E ENSINAMENTOS GRAVADOS NA MEMÓRIA

É com bom humor e nostalgia que, Madalena Sequeira, recorda o seu percurso durante e após a Licenciatura em Comunicação Social, a qual terminou em 2002. “As experiências dos estágios marcaram-me muito” afirma a ex-estudante, que no decorrer dos três anos de ensino superior, passou, enquanto estagiária, por empresas como a Agência Lusa, SIC e BBC. Sendo estas, para a assessora, experiências marcantes e inesquecíveis. Em tom saudoso, relembra a primeira experiência em rádio, na qual, durante uma das emissões, anunciou a morte de Frank Sinatra e o quão emocionante esse momento foi, “lembro-me destas experiências profissionais, ficaram para sempre. São coisas que nos ficam gravadas!”. “Defini um caminho quando saí do Instituto, mas depois o caminho vai se redefinindo” reflete sobre o rumo que a sua carreira tomou. Inicialmente, o objetivo profissional de Madalena Sequeira, era o jornalismo, realizando essa profissão durante sete anos e reforça que “foi um privilégio ser jornalista”. Contudo, foi na comunicação empresarial que encontrou a estabilidade que buscava. Para a comunicadora, o segredo para quem começa agora a jornada de integração no mercado de trabalho, é arregaçar as mangas e não “ter medo de começar por coisas mais pequenas, porque depois esse ensinamento fica para a vida toda”. É manter-se sempre atualizado, “não desistir do foco”, ser resiliente e dedicado “que há de haver sempre caminho para andar”. Já para quem ingressa agora na licenciatura, a diplomada sugere que mantenha a mente aberta e explore todas as opções, “é aproveitar e absorver tudo, aprender o mais possível e deitar mãos a tudo o que for oportunidades”. Essencialmente, aconselha a “seguir caminho, manter foco, ter determinação” e aceitar que “é tudo uma aprendizagem”. “É uma porta que vocês abrem, que vos vai levar para onde vocês quiserem” ressalta Madalena Sequeira, ao referir que, apesar de todos os percursos académicos terem os seus altos e baixos, a Escola Superior de Educação será sempre um bom ponto de partida. Sendo que, para a sua vida, a Licenciatura em Comunicação Social define-se como “uma ferramenta para a vida”.

Jéssica Batista



MARIA MADALENA SEQUEIRA

DO MUNDO DIGITAL ÀS RAÍZES DOS ANOS 90

"A REALIDADE ATUAL DO JORNALISMO É TOTALMENTE DIFERENTE"

Ao recordar os tempos de estudante, Ricardo Lopes Pereira realça que os conhecimentos que obteve na Licenciatura em Comunicação Social foram essenciais. “As bases que foram fornecidas para aquilo que faço hoje foram, precisamente, na ESE e no curso que transmitiram, não só pela parte dos professores, mas também por todo o percurso académico”. O atual jornalista, ao rememorar os momentos significativos, salienta a experiência de estágio, que, no seu entender, proporcionou a proximidade e contacto direto com a profissão. “Os estágios são fundamentais, e essa formação proporcionada em Órgãos de Comunicação Social é muito importante, e contribuiu para o meu sucesso profissional. Relembro-me de todos os estágios que fiz em Comunicação Social”. Entre aventuras e boas memórias, Ricardo refere que, “inclusivamente, o meu último ano de estágio foi no Correio da Manhã, onde ainda hoje colaboro”. Ao mencionar a década de 1990, o jornalista sublinha que “a realidade atual do jornalismo é totalmente diferente”. Os anos passam, mas as recordações ficam marcadas, num tom de voz entusiasmado, Ricardo Lopes Pereira relembra o lançamento do primeiro jornal online do país, que acompanhou de perto. “Eu recordo-me de estar na ESE, no anfiteatro, e de irem apresentar, na altura, nos anos 90, o Setúbal na Rede, o primeiro jornal digital do país”. Relacionando a mudança digital com o atual trabalho, a urgência em ‘dar notícias’ em primeiro lugar “adveio muito dos meios de comunicação digitais”, refere. O primeiro impacto, “ao entrar num edifício projetado por Siza Vieira impunha respeito, sempre que estava no edifício, é das primeiras memórias que tenho”. As paredes brancas e o sobreiro, localizado na entrada, são das memórias visuais que fazem parte das boas recordações e do trajeto de Ricardo Lopes Pereira. De coração e voz ternurentos, ressalta “a melhor recordação, e sendo algo pessoal, é o facto de, ainda hoje, a minha atual companheira de vida tê-la encontrado na ESE, precisamente no curso de Comunicação Social”. Na perspetiva contrária, e como desafios que considera serem enfrentados pelos jovens, aponta a precariedade, instabilidade e a desinformação. “Para quem gosta de jornalismo, como nós gostamos, as redes sociais criam dificuldades no mercado de trabalho. Hoje há a ideia que o trabalho que antes era desempenhado por dez ou trinta pessoas numa redação, atualmente pode ser feito por cinco. Os jornalistas saem menos para o terreno, estão “enfogados” na redação a receber as *press-release*. Há um desinvestimento completo”. “Resiliência” e “paixão” são as palavras que Ricardo salienta para quem trabalha e pretende trabalhar na área de Comunicação Social, porém, face às adversidades sentidas, “temos que nos de reinventar”, sublinha.

Joana Gomes



RICARDO LOPES PEREIRA

ESTAGNAÇÃO DO TEMPO AS MEMÓRIAS DE VIDA POR UM JORNALISTA

Os testemunhos que se ouvem adquirem origens. Abraçado pelo célebre sobreiro, a génese de uma geração de jornalistas acontece no interior do edifício iluminado pelo sol setubalense. Tiago Contreiras, licenciado no ano 2000, vem recolher memórias perante o local que lhe permitiu iniciar a sua carreira, “o tempo não apaga as lembranças”. “O exercício prático ajuda no entendimento do teórico”, refere Contreiras, quando aponta os diversos pontos positivos do curso, na Escola Superior de Educação. Apesar de não descartar a necessidade da existência de uma base teórica no esclarecimento do conhecimento, no caminhar da licenciatura, exalta os benefícios da experiência prática para os alunos e, posteriormente, para o seu desempenho no mercado de trabalho. Esta aprendizagem autónoma, para o jornalista, é uma ponte firme entre os futuros licenciados e as áreas que desempenharão, auxiliados de uma preparação fornecida pelo curso de Comunicação Social, do Instituto Politécnico de Setúbal. Com diversas passagens profissionais destacadas, Tiago Contreiras assume lugar na RTP desde 2011, realizando diferentes trabalhos como jornalista de âmbito político. Acolhendo Moçambique como casa, nas últimas semanas, Tiago, descontraído, aborda as expectativas do mercado de trabalho, assim como os seus desafios, “bem, primeiro é preciso conseguir entrar no universo laboral”. Contudo, afirma que a dedicação e o esforço são aliados para uma caminhada de possíveis sucessos, mas não esconde as dificuldades que os futuros licenciados poderão sofrer, apesar de alcançarem as aptidões necessárias perante o trabalho a realizar, “nem será sempre fácil”. A Licenciatura em Comunicação Social, adquire diversos propósitos, através da delimitação de diferentes objetivos, onde se pretende formar profissionais cada vez mais capazes de enfrentar as dificuldades propostas neste setor. Apesar das lembranças dos demais formatos educacionais entregues, dos corredores lisos e amplos do edifício ou da existência de um espaço académico cativante, as amizades formadas nos cantos da escola são transportados, até aos dias de hoje, na memória do jornalista, que assume ser uma das melhores lembranças que preserva. Independente do passar do tempo, o impacto da experiência na ESE é transformada na recordação e presença daqueles que o acompanharam no seu percurso académico, “ainda hoje mantemos contacto”, refere.

Diana Baptista



TIAGO CONTREIRAS

“O CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL FOI UM BOM PRÍNCÍPIO” AS PALAVRAS DE QUEM JÁ SABIA EXATAMENTE O QUE QUERIA

O Ensino Superior simboliza a continuidade dos estudos, embora sublinhe uma proximidade crescente do seu desfecho. No entanto, no cerne dessa perspectiva académica, existem pessoas como Rute Mendes, cujos sonhos de aprendizagem perseveraram, desafiando a visão convencional de que existe um fim. Atualmente assessora da vereação da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa, recorda de forma vívida a sua trajetória na área de Comunicação Social na ESE, em 1999, um período em que tudo se distinguiu notavelmente do presente. Evocativa e saudosista, partilha que “era a caçula, como costumavam dizer”, já que seria a aluna mais jovem do curso e, portanto, “estava repleta de sonhos e aspirações de menina”. Ao escolher a área, traçou de forma inequívoca o caminho que a sua vida seguiria, pois nunca alimentou o desejo pelo jornalismo, indo ao ponto de afirmar que “não apreciava redação” nos tempos do IPS. Desde o início, cultivou a compreensão de que o seu percurso seria firmemente orientado para o âmbito institucional, onde encontraria a sua verdadeira paixão perto das fundações. Após alcançar o diploma, Rute experimentou um renascimento na “vontade de aprender” e no “desejo de estudar”, impulsionando-a a perseguir o Mestrado em Comunicação, Cultura e Novas Tecnologias, bem como uma Pós-Graduação em Gestão de Políticas Públicas. Este percurso conduziu-a a desempenhar funções na Câmara Municipal do Seixal, onde dedicou uma parte substancial do seu tempo antes de se aventurar pelos lados lisboetas. Atribui ao curso de Comunicação Social a oportunidade de explorar novos horizontes e alcançar uma posição profissional relevante. “Trabalhar numa Câmara como a de Lisboa permite-me envolver em projetos internacionais numa escala diferente”, revela, sublinhando o profundo amor que nutre pela área de atuação. Ao recordar as experiências marcantes na ESE, Rute enfatizou que as amigas são verdadeiros tesouros para toda a vida. “Continuo a manter uma relação próxima com eles” [sorri], “sou madrinha dos filhos de alguns, e eles são padrinhos dos meus”. Com nostalgia, mencionou o grupo no WhatsApp da turma de '99, onde frequentemente organizam encontros. “Os amigos foram a melhor parte do curso”, concluiu, recordando aqueles que estiveram sempre ao seu lado.

Patrícia Teixeira



RUTE MENDES

DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO AOS PALCOS PROFISSIONAIS O PERCURSO INSPIRADOR DE HELENA DE SOUSA FREITAS

Nos corredores da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, uma jovem estudante embarcou numa jornada que moldaria não apenas a sua carreira, mas também a sua vida. Helena de Sousa Freitas, uma figura notável cuja trajetória desde os dias no politécnico até ao mundo profissional revela uma dedicação inabalável à comunicação e à cultura. Após obter o diploma em Comunicação Social no ano de 2000, Helena mergulhou de cabeça no mundo do jornalismo, encontrando na agência Lusa um dos seus primeiros lares profissionais. Desde então, a sua carreira floresceu, marcada por uma variedade de papéis e projetos, desde redatora na Lusa até coordenadora de publicações no festival de cinema Festroia. Foi na transição para o campo das atividades culturais que Helena encontrou uma nova paixão, assumindo a gestão de projetos como o “Ativa-te!” e atualmente liderando a iniciativa de “Histórias que as Paredes Contam – 50 Anos de Muralismo em Setúbal”. No entanto, o alicerce para o seu sucesso profissional foi estabelecido durante os anos de estudo na ESE-IPS. Helena destaca a importância dos estágios integrados no curso de Comunicação Social, “avalio os estágios como extremamente proveitosos para o meu trajecto profissional”, afirma. Além disso, a ênfase nos trabalhos práticos em detrimento dos testes contribuiu para a sua formação abrangente e uma melhor preparação para os desafios do mundo profissional. As lembranças da vida académica na ESE-IPS ainda estão vivas na mente de Helena: a luz radiante que inundava os corredores da escola e o ambiente de camaradagem nas tertúlias académicas permanecem como lembranças preciosas. Destaca a relação com um rapaz, Luís Teixeira, “[risos] A ESE apresentou-mo como colega, nela nos tornámos amigos e nela namorámos, sendo marido e mulher há 22 anos” ademais, relembra ainda, com gratidão, as relações de quase companheirismo estabelecidas entre professores e alunos. Ao refletir sobre os desafios enfrentados pelos jovens licenciados atualmente, Helena, deixa uma mensagem clara aos novos estudantes de Comunicação Social, “se possível, não deixem a vertente prática por exercer”, acrescenta, “pelo facto de poder, desde cedo, abrir portas para as redacções.” Assim, o curso de Comunicação Social na ESE-IPS é descrito por Helena como uma experiência bem estruturada e diversificada, projetada para equipar os estudantes com as habilidades e ferramentas necessárias para prosperar no mercado de trabalho. A sua jornada é um testemunho inspirador do poder da educação e da paixão pela comunicação e cultura.

* Em 2022 o Prémio Carreira AlumniIPS foi atribuído a Maria Helena de Sousa Freitas licenciada em Comunicação Social pela ESE/IPS (2000).



HELENA DE SOUSA FREITAS

“TINHA A SENSAÇÃO DE CONTINUAR A TER DE PRESTAR PROVAS” UMA FILHA DA CASA

Cristina Patacas entrou no curso de Comunicação Social quando este era bacharelato. Ainda durante a transição para a Licenciatura Bietápica, descobriu caminhos que lhe moldaram a visão sobre a comunicação. Ingressou por sentir uma paixão pela área da Comunicação e mesmo sendo no início, Cristina destaca a sólida preparação que o curso ofereceu, para os desafios do mercado de trabalho. Para a diplomada, o estímulo criado é algo intrínseco do curso visto que “deu-me oportunidades que de outra forma não teria tido”, recordando-se dos estágios curriculares anuais que deram a oportunidade de experimentar outros mundos como a rádio, imprensa e comunicação institucional, o que acaba por recomendar ao vasto número de estudantes estagiários que recebe por ano. O curso ainda a preparou graças às dinâmicas internas, trazida pela primeira coordenação, o que “potenciaram o desenvolvimento de uma capacidade reflexiva e crítica que no futuro se revelou importante”. Num tom nostálgico, relembra o seu amigo Pedro Serranito que já partiu, dedicando a sua entrevista, não só pela amizade, mas pelos ensinamentos e confiança no seu trabalho, destaca ainda as conexões feitas durante o curso, tanto com os colegas como com os professores, que ainda se cruzam nos corredores na ESE. A transição de estudante para o mundo profissional, apesar de desafiadora por ter a sensação de continuar a ter de “prestar provas”, foi recompensadora para Cristina não só a nível de confiança, tanto emocional, como para desempenhar o seu novo “papel”, atualmente como Coordenadora da Divisão de Comunicação e Relações Exteriores. Na opinião da diplomada, o curso prepara bem os estudantes, apesar da instabilidade temendo a sua substituição pela IA, pelos projetos e pelas competências transversais adquiridas, como a criatividade que é algo valorizado pelo mercado de trabalho nos dias de hoje. Para os novos alunos, a diplomada deixa um conselho: aproveitem ao máximo todas as oportunidades de formação e participem ativamente na construção do curso. Refere ainda que é algo que não só os preparará para o mercado de trabalho, mas os enriquecerá enquanto cidadãos, que nunca parem de aprender e afluam o sentido de responsabilidade, organização e estejam sempre preparados para a mudança”. Por fim, refere que o curso de Comunicação Social é “uma plataforma de descoberta e de desenvolvimento do talento individual”.

Hugo Bastos



CRISTINA PATACAS

A PRIMEIRA TURMA DE COMUNICAÇÃO EM SETÚBAL “TIVEMOS QUE REIVINDICAR MUITA COISA”

Carla Abreu, ou Tita, como era conhecida na comunidade da ESE, atual Event Manager da Estoril Conferences na Nova SBE, fez parte da primeira turma da Licenciatura em Comunicação Social do Politécnico de Setúbal. Confessa o impacto gigante que o curso teve na sua vida pessoal, “uma das minhas melhores amigas [da ESE] é madrinha do meu filho mais novo”. A nível profissional, reflete sobre o papel do politécnico na sua instrução profissional, “o politécnico tem a vantagem de ter estágios ao longo do curso, eu tive a oportunidade de ir para a INAPA e fiquei lá durante 27 anos”, concluindo com “tenho só que agradecer porque, de facto, abriu-me as portas para o mundo do trabalho”. Um dos maiores problemas que associa ao curso é o preconceito, “a maior dificuldade que senti foram os olhares de lado quando eu dizia que era de um curso politécnico, passados 30 anos ainda existe este estigma e preconceito, mas a verdade é que é vantajoso”, destacando a componente prática do curso como algo fundamental que contribuiu para a construção da sua carreira “eu fui visitar a SIC que, na altura estava ainda a dar os primeiros passos e foi espetacular”. Acredita que “a sorte não existe, é apenas uma capacidade de agarrar as oportunidades quando aparecem”, atribuindo uma razão pela qual ficou na área da comunicação quando muitos dos seus colegas decidiram trabalhar em áreas diferentes. Com 48 anos, mãe de dois filhos, sente-se realizada com o seu percurso académico e profissional, “se me perguntassem há 10 anos o que gostaria de estar a fazer, é precisamente isto que eu gostava de estar a fazer com a minha idade, sou uma pessoa super realizada e tenho imenso orgulho do meu passado”. Enquanto membro da primeira turma de Comunicação Social na ESE, revela ter encontrado alguns desafios, “não tínhamos uma série de condições que eram necessárias e que as outras universidades onde havia Comunicação Social tinham”, todavia, recorda carinhosamente os seus dias de estudante, “fizemos festas completamente radicais, fizemos debates”. Num contexto de crise na Comunicação Social, em que jornais estão tão perto da falência e jornalistas trabalham sob condições deploráveis, realça a importância da persistência do setor, “devemos sempre tentar, as coisas mudam tanto e estão a mudar tão rapidamente, podem até vir a trabalhar num emprego que ainda não existe”. Tirou uma pós graduação na Universidade Católica, mas atribui à ESE um papel importantíssimo na sua instrução e na sua vida, “eu diverti-me imenso, aprendi e foi um orgulho ter sido aluna da ESE em 93 e 97”.

Pedro Ventura



CARLA ABREU

Tornar comum o olhar, o gesto, a palavra, a voz, todos os sentidos e mais alguns, provavelmente os que estão por descobrir ou, poeticamente, por inventar. No fundo é disto que falamos, quando falamos nessa bela arte de colocar gente frente a frente, mesmo que o frente a frente se amplie pela dimensão de múltiplos écrans. Sempre que o lugar da comunicação acontece, surge essa coisa mágica chamada de partilha. Cada um partilha o que é próprio do seu ADN, dos revestimentos do seu corpo, da espessura cultural que nos envolve. E depois, nas paredes da academia, rasgam-se horizontes, colocam-se em dúvida verdades eternas, despeneteira-se o mundo. Assim, vamos fazendo, todos os dias ao longo dos anos, desconstruir para erguer, criticar para abalar dogmas, erguer a bandeira da ciência, ou melhor, das ciências da comunicação. Introduzimos novos códigos, novas grelhas de análise, novas linguagens, novas narrativas sempre em busca de melhor entender, expressar e dar ao mundo a clareza da mensagem. E a mensagem é o meio, e se em cada olhar, cada gesto, cada palavra, há um filão de oportunidades comunicativas,

“Sempre que o lugar da comunicação acontece, surge essa coisa mágica chamada de partilha.”

tratamos de revestir de solidez conceptual, de intenso trabalho de laboratório os afazeres do nosso quotidiano. Ao certo, ao certo, cada uma das partes, só aparentemente, procura coisas distintas. Mas quando fazemos a prova dos nove, e nove fora nada, e quando fazemos a prova real, e resta zero, sabemos, nesse momento que as contas estão certas, que a estratégia de pensamento tem sido a correcta e que temos razões de sobra para festejar o que nos une: formar gente capaz para a vida e para a profissão. Esse é o nosso orgulho, sentimento que nas próximas dezenas de páginas dezenas é transversal aos seus intervenientes. Nessa intervenção, integram-se, obrigatoriamente, os quase duzentos docentes que em múltiplas áreas têm contribuído para a sustentação científica e pedagógica do curso. Integram-se os que têm assumido a coordenação, do Bacharelato à Licenciatura, orientando estruturando uma formação de excelência no domínio das ciências da comunicação. Assim haja capacidade para saber interpretar cada olhar, cada gesto, cada palavra. No átrio, junto ao sobreiro, no pátio das amendoeiras e em todos os lugares em que tenhamos a sorte de nos (re)encontrarmos!

PASSEI, LEMBREI. AQUI ESTOU!

Em cada olhar, em cada gesto e em cada palavra multiplicam-se as vezes que nos cruzamos. Corredores, átrio, salas de aula, anfiteatro. No sobreiro também nos cruzamos. E no imenso relvado de um jogo que nunca existiu mas onde uma baleia emerge no canto inferior esquerdo. Faz décadas que se mantém imóvel e vê cada olhar, cada gesto e escuta as palavras que sucedem a outras palavras. Assim acontece no pátio das amendoeiras, ora despidas, ora em flor, observam quem passa, escutam o que se diz e guardam os encontros fugazes, as fumaças partilhadas. Somos feitos disto e de muito mais, do muito que nos une e , acima de tudo, do desejo em querer ser mais. Querer ser maior, no pensamento, na sensibilidade, na criatividade, na ambição, na ação, no desejo de absorver o conhecimento que por aqui circula. E tanto mexe, pula e avança nas ideias que cada um semeia, partilha e quer ver

“Nas paredes da academia, rasgam-se horizontes, colocam-se em dúvida verdades eternas, despenteia-se o mundo”

grávidas de esperança. E todos os anos fecundamos de esperança porque se repete o ciclo da sementeira. E de tal lavra o que se pretende ao certo? Que a palavra dita e a ação estimulada ganhem consistência, solidez, abrangência. Que seja arado em terra fértil, adubo multiplicador, seara abundante, gesto certo, acutilância crítica, capacidade para a mudança. Em todos os que compõem esta galeria, que visa ilustrar três décadas de existência de um curso, ressaltam testemunhos únicos de quem ambicionou a Comunicação, fez da Comunicação o seu campo de estudo, e de quem depositou na Comunicação, todas as cartas para um futuro profissional. Em todos encontramos singularidades na memória: os colegas, os professores, os funcionários, as conversas, os sorrisos e uma marca distintiva – a proximidade e a afabilidade entre todos os que cruzam os cantos desta casa. De tantas conversas tidas, vem ao de cima um conceito muito singelo mas que representa o cerne de um imenso trabalho: afinal, o que significa comunicar? Simples, mas encerrando complexidade, a resposta impõe-se – comunicar é tornar comum.

Carina Verdasca	42-43
Jorge Martins	44-45
Vanessa Almeida	46-47
Rita Listing	48-49
Bianca Marques	50-51
Filipe Carmo	52-53
Gabriela Palma	54-55
Carolina Luz	56-57
Paulo Santos	58-59
Gonçalo Martins	60-61
Tiago Trindade	62-63

2022/2023

1º ano Rafaela Cardoso - Frequenta o 1º ano 2023/24	64-65
2º ano - Rui Morais - Frequenta o 2º ano 2023/24	66-67
3ª ano - Leonardo Alexandre - Frequenta o 3º ano 2023/24	68-69

Sumário

Prefácio	6-7
1996/1997	
Carla Abreu	8-9
Cristina Patacas	10-11
Helena de Sousa Freitas	12-13
Rute Mendes	14-15
Tiago Contreiras	16-17
Ricardo Lopes Pereira	18-19
Maria Madalena Sequeira	20-21
Marta Pacheco	22-23
Emídio Nóbrega Simões	24-25
André Zegre Penim	26-27
Liliana Soares Pádua	28-29
Soraia Alibhai	30-31
Filipa Gordo	32-33
Raquel Gradim	34-35
Gualter Ribeiro	36-37
Pedro Fernandes	38-39
Maria João Bacalhau	40-41

**30 ANOS
DE ESTÓRIAS EM COMUNICAÇÃO SOCIAL**

OS DIPLOMADOS



30 ANOS
DE ESTÓRIAS EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
NA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL

OS DIPLOMADOS